

REVISTA DA
ACADEMIA
PIRACICABANA
DE **LETRAS**



ANO I - Nº1
PIRACICABA - 2009

REVISTA DA
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano I – Nº1
Piracicaba – 2009

Revista da Academia Piracicabana de Letras

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras, fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini, CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781, CEP 13400-183, em Piracicaba.

Destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

Editor e Jornalista-responsável:

Armando Alexandre dos Santos (MTb 36.265)

Endereço: Rua do Rosário, 781 - CEP: 13400-183 Piracicaba SP

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada ao Editor no seguinte endereço:

Rua Alferes José Caetano, 855 ap. 192-A
13400-120 Piracicaba SP
E-mail: aasantos@uol.com.br

Conselho Editorial:

Antonio Henrique Carvalho Cocenza
Elias Salum
Erasmus Prestes de Souza †
Gustavo Jacques Dias Alvim
Maria Helena Vieira Aguiar Corazza
Myria Machado Botelho
Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme

Diagramação e Arte da Capa:

Marcel Yamauti

Impressão:

Gráfica Printfit
Rua Alferes José Caetano, 621 - Centro
Piracicaba-SP

APRESENTAÇÃO

É com gosto que, a pedido do meu amigo Acadêmico Armando Alexandre dos Santos, vice-presidente da Academia Piracicabana de Letras e coordenador da sua revista, escrevo algumas palavras para a abertura deste primeiro número de sua nova fase.

Fundada em 1972 por João Chiarini, a APL conheceu, no passado, seus dias de esplendor. Depois da morte de seu fundador, conheceu um prolongado período de sobrevida, mantida pelo idealismo e pela dedicação de algumas pessoas de escol que nunca deixaram o facho apagar, nunca deixaram o ideal perecer.

A entrada em vigor do novo Código Civil forçou a adaptação da antiga Academia a novas exigências legais. Adaptação similar precisou ser feita, em todo o Brasil, por muitas centenas, quiçá milhares, de entidades análogas, Academias, Institutos Históricos, Centros Culturais etc.

As exigências do novo CC forçaram, por exemplo, a que certas assembléias gerais se realizem com maioria absoluta, ou até de dois terços, da totalidade dos associados. O sistema anteriormente vigente permitia que uma entidade tivesse associados dispersos pelo país. Mas agora, se não for possível reunir uma porcentagem elevada desses associados para assembléias gerais, tornam-se impossíveis reformas estatutárias e, mesmo, eleições regulares de diretoria. O que, obviamente, na prática inviabiliza a existência de tais associações.

A solução adotada pela APL foi a mesma de incontáveis outras associações do gênero. Orientada por juristas especializados em Direito Associativo, reformou seus estatutos, fixou em 40 o número de cadeiras efetivas, reservadas somente a pessoas residentes em Piracicaba. Os antigos membros da Academia, que eram algumas centenas, dispersos pelo Brasil, conservam individualmente, ad honorem, o título de Acadêmicos Eméritos, não tendo, entretanto, obrigações de nenhuma espécie em relação à Academia.

A reforma dos estatutos e a eleição dos 40 acadêmicos (todos residentes em Piracicaba), processada sob a orientação de competentes juristas e na observância de todos os requisitos legais, deu-se nos últimos anos. Os registros legais, muito rigorosos, foram todos realizados regularmente. Agradecemos, de modo muito especial, o apoio e a orientação que, a esse

respeito, nos deu a nossa boa Amiga Dra. Rosângela Risolo Camolese, Secretária da Ação Cultural de Piracicaba. Agradecemos também, de modo muito especial, aos acadêmicos que com dedicação e sacrifício realizaram, num esforço prolongado, toda a tarefa de readaptação da Academia. São eles Antonio Henrique Carvalho Cocenza, Elias Salum, Antonio Carlos Fusatto, Felisbino de Almeida Leme, Marly Therezinha Germano Percin, Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme e Waldemar Romano sem esquecer a memória saudosa de Haldumont Nobre Ferraz.

Foi assim que a nossa velha Academia Piracicabana de Letras, da qual sou co-fundadora, renasceu, qual nova fênix, em 2009.

Logo no dia da sua festiva reinstalação, o titular da cadeira no. 1, Acadêmico Erasmo Prestes de Souza, gentilmente ofereceu realizar na sua gráfica-editora, sem qualquer custo, a diagramação e a impressão do primeiro número da nossa revista.

Pedimos ao nosso vice-presidente, Acadêmico Armando Alexandre dos Santos, que tem grande experiência na área, por ser jornalista profissional e por já ter sido diretor da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, que assumisse a responsabilidade pela nova revista.

Com a ajuda de Deus e a boa vontade dos Acadêmicos, chegamos afinal ao presente volume. Nem todos, infelizmente, puderam mandar a tempo suas colaborações. Para o próximo número, se Deus quiser, não faltará nenhum nome.

Maria Helena Corazza
Presidente

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA
Cadeira nº 14 - Patrono: Branca Motta de Toledo Sachs

A brisa e o tufão
(soneto sem verbos)

A princípio, uma brisa agradável, singela,
qual sorriso infantil de criança inocente,
como arrulho sutil de uma rola plangente,
no silêncio da tarde indolente, mas bela.

De repente, o reverso. Outro lado da tela:
um violento tufão, impiedoso, inclemente.
Verdadeiro carrasco. Indomável serpente.
Vendaval! Furacão! Horrerosa procela!

Que contraste, meu Deus! Ó meu Deus, que contraste!
Ela, cândida, pura. Ele, inútil. Um traste.
Ela, frágil donzela. Ele, indômito. Forte.

Ela, um sonho feliz...mensageira das flores.
Ele, um vil pesadelo...um castelo de horrores.
Ela...pomba da paz! Ele...corvo da morte!

A motoqueira

Lembrando as Valquírias nos campos de guerra,
voando a galope em cavalos alados,
deixando uma trilha na relva dos prados
depois repousando no pico da serra...

Os seios desnudos, as coxas peladas,
sorriso nos olhos, nos lábios veneno...
O corpo exalando o prazer mais ameno
do coito das ninfas, das musas, das fadas:

eu sonho contigo, menina-paixão,
que passas e espirras teu chiste Madonna...
Não sei se querendo doar-me carona,
atrás dessa moto ou no teu coração.

Herança de poeta

Ser um poeta: acaso do destino!
Cantar em versos ilusões sem nexos;
ser água e fogo e côncavo e convexo,
juiz prudente, e num revés, sem tino.

Achar insípido um amor sem sexo
e vislumbrá-lo? por si só? divino;
sorrir à morte um riso de menino,
para adiar o seu fatal amplexo.

Que tolo! Sou artífice de idílios!
Que herança irei deixar para meus filhos?
Que herança deixarei para meus netos?

A honestidade arauto dos meus lemas,
o amor à Vida, a fé, os meus poemas,
mais a saudade dos milhões de afetos!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO
Cadeira nº 6 - Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

Conto de Natal

Pequenos sorrisos esboçados ao acaso carregam-nos à ciranda da saudade, trazendo do âmago de nossa memória reminiscência de um tempo não há muito passado.

Relembrando esse tempo, sentimos no peito uma nostalgia que insiste em ficar:

Aos poucos, os ruídos confusos do comércio foram-se acalmando; era noite, estávamos na véspera do Natal, as lojas corriam suas portas, pessoas carregadas de embrulhos e ilusões rapidamente esvaziavam as ruas e o silêncio ocupava-lhes o lugar.

Algumas vitrines permaneciam acesas, todas enfeitadas com festões, bolas de cores variadas, sininhos e os mais variados presentes, insinuando que naquela noite Papai Noel os entregaria para todas as crianças.

Festa de luzes persistia pela noite adentro, tanto nas praças como nas residências dos mais abastados, onde a iluminação deslumbrante enchia de alegria os olhos daqueles que, em meio a abundantes banquetes, com os mais variados pratos e finas bebidas, aguardavam ansiosamente o badalar da meia-noite, para comemorar o aniversário do Menino Deus.

A noite estava úmida, um ventinho frio e intermitente perturbava os últimos noctívagos que perambulavam pela praça, vez ou outra pequenos grupos de pessoas passavam rapidamente, em direção à Catedral, para assistirem à chamada Missa do Galo.

Bando de pardais que procuraram o aconchego nas árvores da praça perturbavam constantemente as últimas pessoas que persistiam em conversar nos bancos sob elas. Eu fazia parte desse clube de noctâmbulos. Foi quando notei, em um canto da velha praça, um grupo de maltrapilhos garotos de rua; alguns, sonolentos deitados nos bancos, bocejavam apaticamente, mais parecendo um profundo suspiro, transparecendo que desistiram de esperar Papai Noel;

outros, empolgados pelo ar festivo da noite faziam tanto barulho que chegavam a assustar os passarinhos que dormitavam nos galhos mais baixos.

Observando o entusiasmo daqueles garotos maltrapilhos e subnutridos, monologuei: Como podem estar assim alegres, estes pobres rejeitados da sociedade? E comecei prestar mais atenção ao que diziam.

Um pirralho comentava com outro:

Será este, o ano de meu Natal? Ah! Se Papai Noel aparecesse agora!

Ao pronunciar esta frase, senti nela um misto de dor e esperança, como se ela fosse pronunciada por ele todos os anos... mais parecia um esquisito lamento, inundado de uma esperança sempre renovada.

Na profundidade da noite, enquanto a cidade ainda festejava com pompas o aniversário d'Aquele que humildemente nasceu numa manjedoura, eu permanecia observando os esperançosos hóspedes daquela praça; alguns balbuciavam gírias, a mim desconexas, num tom misterioso e desconhecido; outros já reclamavam da fome e frio, e queriam silêncio para dormirem em suas aconchegantes camas de jornais.

Outros, com olhares serenos e cansados, perdiam-se na contemplação do vazio, parecia que um turbilhão convulsionava em suas mentes. E o tempo passava...

Eu, observando-os, tentava compreender o desequilíbrio social, meu jovem cérebro era uma arguição total: Quem somos nós? Que fazemos aqui? De onde viemos? Etc. etc.

Eles já pareciam acostumados com minha presença. Notei que comecei a despertar-lhes uma certa curiosidade. Alguns mais ousados começaram a perguntar:

Moço! Quem é você? Também num tem casa pra passá o Natal?

A cada pergunta, eu sorria e meneava cabeça, sem nada responder, talvez para ganhar mais confiança do grupo ou talvez por falta de coragem para a resposta. Foi quando notei que, dentro daqueles olhos aparentemente tristes, havia ainda o sorriso infantil de uma criança!

E a curiosidade do grupo sobre seu mais "velho" novo membro aumentava, até que nos tornamos "amigos". Mas, eis que um

vento frio e invejoso, cansado de correr mundo e conhecer segredos das pessoas, infiltrou-se em nosso meio, envolvendo-nos a todos e contou ao grupo o segredo de minha alma de boêmio – eu estava ali porque gostava da noite e dos que dela faziam parte – mas trouxe também com ele uma chuvinha fina e persistente, fazendo com que aquela infância perdida e sonhadora partisse apressada, em meio de gotículas frias e impertinentes, à procura de outro abrigo mais acolhedante; mesmo na pressa da partida deu para sentir que, dentro deles também batia um coração com sentimentos fraternos, ao me convidarem:

Num vai com a gente, tio?

Os anos foram-se acumulando e hoje, ao ouvir os acordes sonoros das músicas natalinas, veio-me à lembrança, aquele grupo de garotos de rua:

Quantas noites depois daquela eles ficaram entregues ao sabor do vento que vergasta, do pó que asfixia e da chuva que embebe?

Quantas noites choraram e gereram em sua solidão?

Quantas noites dormiram famintos?...

Neste momento bateu-me a saudade:

Saudade do vento frio e invejoso, mas tão amigo e confiante.

Saudade da chuvinha fria daquela madrugada.

Saudade dos pardais inquietos e barulhentos que se embalam nos ramos das árvores.

Saudade daqueles mesmos garotos de rua?... Não sei, pois outros existem tomando-lhes os lugares, e ...

É! garotos, meus companheiros de uma Noite de Natal, hoje vocês devem ser adultos..., por onde andam?...

Entre outras pessoas e por caminhos diferentes, seguiremos nossos destinos, até..., de tudo..., daquela mística noite, uma bela amizade surgiu, e como uma delicada flor logo murchou. Mas a recordação constante de que somos eternos aprendizes da Escola da Vida nos acompanhará sempre, pois ela está sempre ensinando e nunca diplomando ninguém.

Meninos de rua! Já que os homens não os veem, olhem para o caminho do infinito e busquem, entre as estrelas, as Forças Cósmicas do Universo, para fortalecê-los, norteá-los e dar-lhes a felicidade que merecem.

A cada momento, o Criador concede a todos a bênção do trabalho; é através deste, por mais modesto que seja, que conquistarão o respeito de todos que os cercam, a riqueza das experiências, as soluções para o tédio e o socorro para todas dificuldades.

“Assim como o relaxamento é ferrugem para a enxada, em benefício do mato, o tempo vazio é o flagelo da alma, em favor das energias perniciosas que devastam nossa vida.”

Não acreditem no poder absoluto das circunstâncias adversas, a se mostrarem constantes nos eventos da marcha.

“Um inimigo pode ser: medo da dor física, sensação prematura da vitória ou desejo de abandonar a luta por achá-la que não vale a pena lutar”. Não desistam, lutem por seus direitos, por seus espaços e, quando sentirem prestes à derrota, lutem com mais energia, pois vocês também são filhos do Universo e como tal têm direito à vida!

Quer seja inteligível ou não para vocês, a evolução do Universo se desenrola conforme os planos de seu ARQUITETO, portanto estejam sempre em paz com ELE, qualquer que seja a forma de vocês concebê-Lo.

Feliz Natal.

Conto para o dia das mães

Tudo começou com uma visita a um lugar que abriga pessoas idosas. Em nossa normal curiosidade, começamos a questionar, tentando entender porque tantos idosos ali concentrados!

Não teriam família, filhos, netos? Ou qualquer pessoa que pudesse compartilhar com eles um pouco do aconchego e carinho de um lar?

Foi quando chamou-nos a atenção a figura enigmática de uma senhora; idosa como os demais, mas com um magnetismo diferente dos outros; forçando-nos constantemente a voltar o olhar para aquela misteriosa mulher. Devido a nossa indisfarçável curiosidade, alguém nos confidenciou: “Está meio gagá...” “É o tempo...”, outras diziam. E outras, ainda: “De há muito foi deixada aqui ... Ela é bas-

tante velha apesar de não aparentar tanto. Dizem que foi muito rica e poderosa, estudou até no exterior”.

Passamos então, a observá-la melhor: ora olhava as pessoas como se não existissem; outras vezes, seu olhar triste, cansado, perdia-se na contemplação do vazio. Parecia até que lembranças de um passado distante convulsionavam-se em sua mente, como se coisas proibidas pudessem desnudar segredos pelos quais devaneava sua alma sofrida.

Aproximamo-nos dela e não pudemos conter a curiosidade em saber-lhe o nome... Um leve rubor deixou transparecer, na face mutilada pelo tempo, mas cujos traços delicados deixavam nítida uma beleza de outrora: um par de olhos azuis parecendo águas-marinhas, incrustadas num rosto macilento, à sombra de vários buces brancos que adornavam-lhe a cabeça, emoldurando a alva tez.

Muitos a tinham visto sorrindo demoradamente ao pôr-do-sol, até adormecer por algum tempo, recostada ao tronco de sua árvore preferida, deixando transparecer em seus lábios um sorriso quase infantil.

“É a saudade!” diziam os que a conheceram anteriormente. Talvez saudade de uma infância perdida no tempo... Ela, mulher, mãe e avó, também fora criança, jovem e tivera uma mãe.

Várias vezes visitamos aquela senhora, agora atraído mais pelo estranho magnetismo que pela curiosidade.

Aos poucos ganhamos sua amizade e tornamo-nos confidentes dela. Seu nome? Não importa, passamos a chamá-la carinhosamente de vovó.

Contou-nos fatos de sua infância e adolescência, passadas numa fazenda da região, de suas viagens para estudar, de seu casamento até a viuvez, dos trabalhos sem esmorecimento para criar e educar os filhos, hoje todos com família constituída. Enquanto tivera algum capital para distribuir aos filhos e disposição para cuidar dos netos, fora tolerada, mas, na medida que os anos foram se acumulando, e doenças minando-lhes as forças, foi por eles abandonada, e a família resolveu interná-la naquele local. A princípio, amiúde a visitavam, mas com o passar do tempo esqueceram-na completamente.

Em minha cabeça, naquele momento, um turbilhão impedia-me de entender tanta desventura.

Quantas noites a pobre anciã chorou e gemeu em sua soli-

dão?...

Num certo domingo de maio, voltamos a visitá-la para levar algumas guloseimas, e a encontramos em seu leito bastante debilitada.

Branças madeixas emolduravam um rosto ainda altivo, apesar da doença, deixando transparecer que, aquela mulher fora realmente uma figura bela, cheia de vida e energia.

Olhou com espanto e emoção para os pacotes depositados sobre a cama e, de repente em lágrimas, balbuciou algumas frases quase sussurrando; beijou as mãos deste visitante, os embrulhos e todos que estavam a sua volta.

Com certa dificuldade, voltou a balbuciar quase monologando: “Neste dia, a maioria das mães ganham presentes e carinhos redobrados dos filhos, outras só decepções, algumas choram de saudade porque também são filhas, outras escondem o pranto no sorriso”.

Confidenciou que durante o sono, havia sonhado o regresso junto aos seus filhos e, que na casa havia grandes preparativos para recebê-la e comemorarem o DIA DAS MÃES. Sorria envaidecida com os carinhos recebido dos netos, que dia maravilhoso estava passando, os preparativos se intensificavam, o aroma da comida caseira tomava conta do ar, fitas multicores, papéis para embrulhar presentes, risos e algazarras dos netos enchiam o casarão do sonho...

Estava cada vez mais fraca, mas teimava em descrever o sonho minuciosamente. Coisa incrível! Ante a evidência do que se descortinava, ela se mostrava agora com uma felicidade transcendente, como se pressentisse a aventura que estava para começar... Repentinamente tudo acabou... Junto com o vento que entrava pela janela, foram-se os últimos suspiros da querida “Vovó”.

De não muito longe, chegavam os acordes dos sinos do campanário, chamando os fiéis para a missa e a meditação.

Exceto eu, somente as nuvens choravam neste momento; uma chuva fina e persistente lambia os vidros das janelas, enquanto o vento, seu companheiro de todos os dias, insistia em entrar novamente, querendo talvez dar um último passeio pelo quarto.

Um anônimo abriu uma cova no Solo Santo, que serviu-lhe de morada final, enquanto a chuvinha fria fustigava as poucas pessoas que, qual sombra no ocaso, deixavam o local silenciosamente.

E hoje, quantas mães ainda continuam sozinhas e abandonadas

das pelos filhos? Quantas ainda choram e se revolvem na solidão?
Quantas sonham em abraçar os filhos e dizer-lhes: “Valeu meus
queridos, eu os amo muito... muito..., muito!...”

Mucama

Mestiça jovem formosa,
pele aveludada, lábios carmesim.
Sentada à porta da senzala,
aguarda liberdade, cativo chega ao fim!

Do alto, o sol fita enamorado
por tanta beleza ali concentrada
Rosto trigueiro, olhos oblíquos consternados.
acariciados pelo vento, cabelos esvoaçados.

E a natureza sorri comovida... pois,
no Mocambo desde que surgiu,
desperta a bela cabrocha,
palpitações varonis.

Ao ouvir o sussurro do vento,
levanta-se a bela mucamba.
Corpo esbelto, andar volateante,
caminha pra mata em desalento.

Deitada na relva d'uma clareira,
cotovelo em terra, sublimação.
Cabeça reclinada, contra palmas das mãos;
transforma-se toda, a cabrocha faceira.

Na doce tranquilidade da sombra morna,
ouve-se o retinir distante da araponga na mata.
Gorjeio dos pássaros, sinfonia maviosa,
natureza mãe consola a bela mulata.

Farfalhar do vento ondeando a relva,
calor tira das árvores, cheiro de incenso.

Manso regato serpeando a selva,
carrega, em suas águas, todo encantamento!

Orando, a mucama virginal;
de seus olhos lágrimas banham o chão.
Saudade de MÃE PRETA e PAI JOÃO,
naquele local moradia final!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTÔNIO CARLOS NEDER
Cadeira nº 15 - Patrono: Archimedes Dutra

Alguns ensaios sobre a Saúde

As virtudes e os riscos da “miraculosa” Aspirina

Quando a aspirina – marca comercial que designa o ácido acetilsalicílico – surgiu no mercado, em fins do século 19, foi saudada como “droga milagrosa” por sua capacidade de aliviar as dores e baixar a febre e também por suas propriedades antiinflamatórias, apreciáveis no tratamento de doenças reumáticas e artrites.

Desde então, nenhum outro remédio tem sido tão amplamente usado para as mais diversas finalidades. O mundo consome atualmente 50 mil toneladas de aspirina, recorde absoluto para um medicamento. Nos últimos anos, essa droga baratíssima e centenária foi revestida de novas virtudes.

Sua principal desvantagem – a de provocar hemorragia – converteu-se numa vantagem terapêutica, ao ser ministrada a pessoas que correm o risco de sofrer ataques cardíacos e outros distúrbios provocados por coágulos sanguíneos.

A aspirina, com efeito, bloqueia a formação, nas plaquetas sanguíneas, de um poderoso agente coagulante, o tromboxane. “Se você tomar aspirina durante quatro ou cinco dias seguidos e fizer um corte no dedo, verá que o sangramento será muito mais prolongado”, explica um especialista francês. A aspirina fluidifica o sangue.

Estudos recentes demonstraram que a aspirina, em doses baixíssimas, pode evitar a formação de coágulos responsáveis por certos tipos de infarto e derrames cerebrais. Os estudos efetuados até agora sugerem que a aspirina reduz o risco de um segundo ataque cardíaco em cerca de 20%, mas ainda não se sabe se ela pode prevenir o primeiro ataque cardíaco. Segundo a revista Newsweek,

muitos médicos norte-americanos apostam que sim e estão diariamente indicando-a com essa finalidade.

Mas as virtudes da “droga milagrosa” não param por aí. Alguns ortopedistas acreditam que ela estimula a regeneração de cartilagens e vários oftalmologistas levantam a possibilidade de que ela possa retardar o avanço da catarata. Há indícios, também, de que a aspirina pode ser útil até contra o câncer. Pesquisas realizadas na Universidade de Haward, em Washingtgon, sugeriram que a droga torna mais lento o crescimento de tumores em animais de laboratório.

O Reverso da Medalha

A aspirina, porém, está longe de ser uma droga isenta de riscos, como geralmente acreditam os leigos, embora possa ser adquirida sem receita médica em qualquer farmácia ou drogaria. Muito ao contrário, ela apresenta vários efeitos colaterais indesejáveis, alguns graves. A aspirina, na verdade, é uma faca de dois gumes. Em doses muito elevadas, em lugar de curar ela pode produzir o aglutinamento dos trombos (coágulos sanguíneos intravasculares), afetar o miocárdio ou estimular o centro respiratório, provocando convulsões às vezes mortais. Mesmo em doses normais, o contato de seus cristais com o estômago tem o inconveniente habitual de produzir sangramentos que podem levar a uma gastrite erosiva e até a úlcera. Para diminuir esse flagelo, surgiram no mercado preparações combinadas ou com revestimento, ou ainda sais neutralizados do ácido acetilsalicílico. Esses diversos refinamentos evitam o inconveniente devastador do contato dos cristais sólidos com a parede estomacal, mas produzem uma quantidade maior de sangue oculto nas fezes e não impedem a ação chamada sistêmica do medicamento que, ao entrar na circulação sanguínea, conserva todas as suas propriedades, inclusive a de afetar o estômago.

Os estudiosos afirmam ainda que a aspirina é uma das grandes responsáveis por alterações das funções renais e inclusive por nefropatias mais sérias. Às vezes, a droga também causa modifica-

ções sobre o fígado, especialmente em pacientes portadores de lúpus eritematoso sistêmico, nos quais a incidência de “hepatite” por salicilatos chega a 70%.

Quase todos esses efeitos indesejáveis já são conhecidos há bastante tempo. Mas o seu efeito mais assustador só foi descoberto recentemente: a aspirina pode ser extremamente perigosa quando ministrada a criança com gripe ou catapora.

A aspirina, ou ácido acetilsalicílico foi originalmente extraído da flor da espírea ou rainha dos prados, do salgueiro e de outras plantas afins usadas como medicação desde a Antiguidade. Atualmente, porém, ela não é mais extraída de plantas, mas do alcatrão de carvão ou de derivados do petróleo.

Na Universidade Estadual de Campinas, orientamos um projeto de pesquisa científica, focalizada na ação desacopladora dos salicilatos, sobre a cadeia respiratória.

Foram motivos de teses de Mestrado e Doutorado, temas relacionados com a diminuição da efetividade terapêutica de diversos medicamentos, quando associados à terapêutica com os salicilatos.

Esses trabalhos foram realizados em Respirômetro de Warburg, com cortes de gengiva humana submetidos a diversas variáveis, tais como antibióticos, micro-organismos, temperatura e pH.

Os resultados dessas pesquisas mostram uma diminuição da resposta orgânica dos pacientes quando submetidos a associações medicamentosas contendo salicilatos e indicam como fator principal, a desacoplação de cadeia respiratória, estudada por diversos autores entre os quais Smith (1989).

Generalismo x especialismo: um enfoque da área médica

Partindo do pressuposto de que a problemática da educação de qualquer país, é consequência, e não causa, de toda uma situação sócio-política, econômica e cultural, deveríamos debater alguns dados para podermos compreender os rumos do ensino superior em

geral e do ensino na área médica, em particular, que iremos analisar.

Após a Segunda Guerra Mundial verificamos que a transmissão da cultura, compromisso tradicional da Universidade, foi cedendo lugar a uma filosofia de preenchimento das necessidades imediatas. Substituiu-se a ética do ser pela ética do ter.

O aluno é visto como um produto para o mercado de trabalho. Os vestibulandos passam a procurar as profissões cuja imagem é de sucesso no campo econômico e social. Não se indaga se o aluno tem aptidão para determinada profissão, quais suas capacidades, tendências, indicações ou vontades.

Na área da saúde, há necessidade de generalistas, mas formam-se especialistas.

É necessário dedicar maior atenção aos problemas coletivos de saúde, mas os formados estão orientados para os problemas individuais.

Particularmente na área da saúde, surgem especialistas e técnicos que lançam mão de métodos sofisticados, instalações luxuosas, custos elevados, destinados a atender a uma pequena parcela da população economicamente privilegiada.

O restante da população, quando consegue algum tipo de tratamento, este é feito em serviços mal instalados, deficientes em pessoal e material, onde conseqüentemente, o atendimento é precário.

As técnicas, as terapêuticas, os materiais, os equipamentos cada vez mais caros, vão também diminuindo o número de profissionais que podem instalar sua clínica particular. Diminui o número de profissionais que trabalham em consultório próprio e o que vemos hoje é o aumento do número de assalariados, empregados de empresas privadas ou funcionários de serviços estatais.

Do ponto de vista da prática liberal, não há clientela para os mais de vinte mil profissionais, que se formam por ano na área médica.

E mais, uma vez que o corpo docente que encontram é exatamente formado por especialistas de alto renome e grande sucesso, a ideia que lhes é inculcada é de que somente se especializando é que os mesmos poderão sobreviver.

A Universidade passa a ter dificuldade de proporcionar ao estudante uma visão crítica da realidade profissional.

O aparelho formador de recursos humanos se vê diante de

um dilema. Como administrar o fato de ter que ensinar uma sofisticada tecnologia de ponta e, ao mesmo tempo, despertar a atenção para as necessidades de uma população extremamente carente?

Torna-se fundamental estruturar os currículos em função das necessidades da sociedade de hoje e não pelas divisões do saber, que se expressam nos dias atuais pelas especialidades existentes.

Dever-se-ia incentivar, nos currículos, uma ótica social assumida pelos professores e não existir simplesmente uma outra disciplina estanque praticamente criada para aliviar os demais docentes dessa responsabilidade e que inclusive acabam por hostilizar essa visão porque está em dissonância com tudo que ensinam.

Em síntese, é necessário formar um clínico geral com sensibilidade social, capaz de prestar assistência primária de saúde, com conhecimentos básicos das ciências do comportamento e da realidade sócio-econômica que o envolve, e que veja o seu paciente como um ser singular bio-psico-social.

Outro problema é a má distribuição dos profissionais no país. A Organização Mundial de Saúde prevê três mil pacientes para cada profissional. No sul do país e especialmente no Estado de São Paulo esse número é aproximadamente trezentos, o número de profissionais é exagerado.

Em compensação, no Norte e Nordeste ocorre o inverso. Lá temos cerca de doze mil pacientes por profissional. Assim, enquanto no Sul do país os profissionais de saúde estão em grande número, no Norte e Nordeste eles estão em falta, principalmente os generalistas.

Com isso, obviamente, não pretendemos acabar com os especialistas, porém a especialização é um mal, mas é um mal necessário e inevitável, porque a vastidão dos conhecimentos não permite hoje o enciclopedismo e nem todos têm as aptidões e qualidades que certas especialidades exigem.

É preciso, portanto, que haja especialistas, mas o que queremos dizer é que não se deve transmitir ainda nos bancos escolares uma visão fragmentada da profissão, sem antes armazenar uma cultura geral e básica da área médica.

Se o especialista vem com o tempo e com o amadurecimento, convém combater com veemência o “especialismo”, isto é, especializações exageradas que surgem dentro das já existentes, fragmentando cada vez mais o saber e fazendo com que os profissionais sai-

bam cada vez mais de cada vez menos.

Como não se desenvolve nas Faculdades esta filosofia, os profissionais formados acabam se frustrando por falta de conhecimentos gerais básicos e diminuindo muitas vezes a qualidade dos serviços que oferecem.

Por outro lado, aumenta dia-a-dia o número de desempregados e subempregados. Ficamos assim com duas populações carentes: uma formada por clientes em potencial que não têm como pagar pelos serviços recebidos, e outra de profissionais que não receberão uma prestação pecuniária pelos serviços que poderiam oferecer.

O equacionamento desse impasse, na nossa opinião, está em voltar a ensinar a ética do ser, isto é, desenvolver nos currículos da área médica-odontológica os aspectos afetivos ao lado dos cognitivos e psicomotores da profissão.

É o caso do ensino da sociologia, da psicologia, da orientação profissional, enfim das chamadas ciências sociais que hoje formam o fulcro que vai separar aqueles que ainda enxergam a profissão médica de forma microscópica, daqueles que tem uma visão macroscópica da mesma.

Estes últimos estarão aptos a analisar os aspectos políticos, econômicos, e psicossociais que envolvem o seu dia-a-dia.

Com este esboço apresentado, formar-se-iam profissionais que não ficam nos seus consultórios como se estivessem presos em uma redoma, mas sim preocupados com as entidades de classe que os representam, com as Faculdades que os formaram, com os professores que os educaram e com a população que espera deles uma resposta para os seus problemas.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO HENRIQUE CARVALHO COCENZA

Cadeira nº 4 - Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

Ufa!!!

Levantou-se bem cedinho tomou rapidamente um banho enfiou com pressa uma roupa no corpo foi para a cozinha acendeu o fogo fez café pegou a batedeira jogou nela uns ovos farinha de trigo açúcar manteiga ligou o forno enquanto o forno esquentava ligou a batedeira pegou a forma colocou o conteúdo da batedeira na forma e a forma no forno enquanto assava abriu um pote de creme chantilly tirou o bolo do forno cobriu-o com o creme pôs numa bandeja colocou na mesa com as xícaras o bule com o café fresquinho as colherinhas o açúcar, o adoçante, uma leiteira com leite quente e outra com leite frio bolachas diversas geleias variadas pães e biscoitos de polvilho pegou o aspirador percorreu a casa toda aspirando a poeira que se acumulara no dia anterior e sempre com pressa passou um pano com óleo de peroba nos móveis varreu o alpendre arrumou as seis cadeiras que ali existiam limpou os cinzeiros que a turma encheu de cinzas enquanto via televisão bateu os tapetes lavou os copos de cerveja e refrigerantes consumidos na noite anterior depois escolheu o arroz pôs o feijão de molho cortou os bifés preparou o molho-madeira colocou-os na travessa com o molho pegou outra travessa e encheu-a de macarrão jogou molho de tomate com carne moída em cima colocou o feijão numa travessa funda colocou os garfos as facas e as colheres no aparador pôs os pratos sobre a mesa grande que cobrira com uma alegre e festiva toalha enquanto isso cada um dos filhos genros e o marido iam-se aproximando da outra mesa e serviram-se do café com os acompanhamentos que lhes interessavam enquanto ela corria de um lado para outro atrás dos netos que se recusavam a tomar café preferindo os brinquedos conseguiu finalmente alimentar a todos que as noras continuavam dormindo depois elas se levantaram e foram tomar seu café enquanto ela tirava

as xícaras e demais utensílios que estavam na mesa e de imediato começou a pôr os pratos na mesa grande com a faca de pão guardanapos os copos as garrafas de vinho e refrigerantes que o almoço se avizinhava foi até a porta da casa recebeu os dois filhos as esposas e os netos que não vieram no dia anterior enquanto os homens da casa se entretinham num jogo de cartas ela serviu os pratos e convidou a todos para o almoço e quando este terminou ela sozinha limpou a mesa serviu as sobremesas que foram pudim de coco, goiabada com queijo doce de leite sonhos docinhos de chocolate, abóbora cidra e laranja que ela havia feito na véspera esperou todos se servirem e tirou a mesa de novo levando tudo para a cozinha o que podia ir direto para a máquina de lavar e o que não podia ela colocou dentro da pia e lavou tudo com água sabão e detergente pôs tudo no escorredor para enxugar e quando o relógio bateu quatro horas ela começou a se despedir dos pessoal que morava mais longe e iam mais cedo para que a noite não os pegasse na estrada e perguntou se queriam levar alguma coisa para comer na viagem e como a resposta foi afirmativa ela foi até a cozinha cortou presunto e queijo colocando-os no pão embrulhando-os para viagem preparou algumas garrafas de refrigerante e pôs tudo em isopores pequenos dando a cada um que queria levar quando saiu o último ela foi tomar um banho esse mais demorado que os de sempre e preparou-se para deitar um pouco pois precisava descansar...

Afinal, hoje não é o “Dia das Mães”??????

Corrupção ao alcance de todos

Não adianta! É só você ligar a tv, o rádio, abrir um jornal, ou entrar na Internet, que só verá e ouvirá falar em corrupção! Aí vêm os deputados, senadores, ministros, governadores, até membros do Poder Judiciário, a eles se juntando altos e baixos funcionários, e membros dos governos federal e estaduais. Estamos vivendo a gloriosa época da corrupção, ativa ou passiva... Epa! Isso me lembra ligeiramente qualquer coisa de sexo...

Mas, creio que tudo isso começou lá em Cristina, com um

Coletor Federal (hoje com o nome pomposo de Exator) chamado Arcanjo.

A cidade acabara (isso por volta de 1900 e Tônia Carrero) de receber a Coletoria Federal, o que veio quebrar um galho danado, porque o povo, quando necessitava de declarar renda, ou qualquer serviço que implicasse a Coletoria (Exatoria) Federal, tinha que se deslocar para São Lourenço.

Foi então nomeado o Arcanjo, que, pela importância do cargo, já era chamado de “autoridade”, ocupando lugar à mesa de formatura, festas em geral, desfiles de Sete de Setembro, etc.

Bem, os anos foram-se passando e nada de o Coletor prestar contas de suas atividades às autoridades superiores.

Para se ter uma ideia do que ele fazia na repartição, basta dizer que naquela parte onde ficava o guichê, todo cercado de tela de arame, com uma portinhola na frente, o Arcanjo mandou fechar também a parte de cima, e começou a criar passarinhos e pombinhas... Atendia a todos no balcão, vendendo selos (estampilhas, como eram chamados na época), recebia as declarações de renda, bem como os pagamentos dos que tinham algo a pagar ao hoje chamado “Leão”. No entanto, nunca recolheu nada, nunca transferiu nada para a chefia, em Belo Horizonte. Isso durou, pelo que me recordo, cerca de cinco anos.

Um dia a coisa estourou.

Da “jardineira” que servia a cidade (hoje seria ônibus), desceu um senhor de terno, colete, gravata, carregando na mão direita a indefectível pasta de couro reluzente. Era o Genivaldo que se dirigiu à coletoria e se apresentou como “Fiscal de Rendas” que viera fazer uma inspeção na coletoria de Cristina.

Pediu a chave do cofre e, mal o abriu, começaram a cair papéis, dinheiro, selos, documentos vários... Uma enxurrada de papéis que forrou todo o assoalho da coletoria...

Ao deparar com tudo aquilo, o fiscal recolheu tudo de novo no cofre, tirou da pasta uma fita gomada, e lacrou o cofre, amarrando-o por todos os lados. Foi à rua e chamou o Prefeito, o Presidente da Câmara, o Delegado de Polícia e pediu que eles rubricassem a fita. Tomou o primeiro ônibus e partiu.

Três dias depois, vieram três fiscais que abriram o cofre e conferiram documento por documento, centavo por centavo, papel por papel.

Arcanjo andava de um lado para o outro, mostrando uma certa inquietação.

Deve ficar bem claro que, quando lhe pediram a chave, Arcanjo disse:

– Pode olhar, tá tudo aí, certinho. Não tirei nada, só o meu!

O “meu” era o seu salário que, todos os meses, era retirado por ele.

Dois dias depois, terminada a inspeção, estava tudo realmente certo. Não faltava nem sobrava um centavo ou documento. Estava tudo nos conformes.

Ao fim de umas vinte voltas, em torno da mesa onde o pessoal examinava, a papelada, Arcanjo não resistiu:

“Seu” Paulo, será que esse probleminha não vai atrapalhar a minha promoção?

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI
Cadeira n° 16 - Patrono: José Mathias Bragion

Trem Passado, Memória Presente.

Parece que ainda está bem nítido o som do apito do trem, do atrito estridulante das rodas de ferro nos trilhos, o visual arquitetônico das estações, a locomotiva e os carros. A Maria Fumaça, do século XIX, famosa, histórica e majestosa máquina a vapor, dirigida pelo maquinista e seu ajudante, usava o carvão vindo das minas do sul do país como combustível para a caldeira e, por muitos anos, permaneceu como o melhor meio de transporte.

Reporto-me ao trem de passageiros e às incontidas emoções vivenciadas no bar da estação e ao longo da plataforma, o lugar mais importante da cidade, que era o ponto de encontro da juventude da época. Para lá se dirigiam aqueles que iam realmente viajar, os acompanhantes, que lá estavam apenas para se despedirem e um número expressivo de moços e moças, que lá iam somente para flertar. Para mim era um feliz momento. Quanta alegria... as moças bem trajadas, em grupos de três ou quatro, proseando, sorrindo, extravasando sentimentos, olhavam os moços, que permaneciam encostados às paredes do saguão.

Aquele vaivém divertido tinha um ritmo ou uma cadência própria. A fala era tão intensa e vibrante que, misturada aos outros sons, assemelhava-se a uma orquestra sinfônica. Os assuntos eram tão agradáveis, e as conversas, cujos ecos alcançavam grandes distâncias e respondiam prontamente às indagações juvenis, eram as melhores do universo.

Expectativas... Sempre havia um clima de ansiedade no ar, quando o trem apitava ao longe, e depois de um espaço de tempo, vinha se aproximando e chegava... trazendo para os nossos corações batendo em acelerado, novas expectativas, emoções e sentimentos, que acabavam envolvendo os jovens que estavam na estação, e os de dentro do trem. Ocorriam cenas gestuais, olhares entrecruzados e até bilhetes escritos, às pressas, em papéis improvisados, que faziam

as vezes de cartas de amor, fiéis testemunhas do amor à primeira vista e até daquele amor acontecido.

Porque o trem ficava na estação apenas de cinco a oito minutos, quase sempre, o tempo em que se desenrolava esse *affaire* era mínimo, mas o aguenta-coração era intenso. Antes de voltarem para casa, os jovens faziam uma pausa no bar da estação para relaxar e saciarem a sede com os refrigerantes mais famosos daquela época: a Gengibirra e a lendária Cotubaína, cuja fórmula fora inventada por Thales Castanho de Andrade, grande escritor piracicabano, e precursor da literatura infantil. O refrigerante era tão doce como seu livro “Saudade” e saboroso como os sonhos juvenis.

Eram assim os encontros na Estação da Paulista: certos, porque tinham data e horário prefixados, e também incertos, porque só as expectativas podiam imaginar o que iria ocorrer e como tudo ia terminar. Eram sempre momentos de beleza e graça, muitas vezes derivados de um único e exclusivo encontro, que nem por isso, deixavam de ser entremeados das lembranças das pessoas, dos intensos sorrisos e de expressões poeticamente apaixonadas.

Novamente a saudade...! Daquele tempo em que eu contemplava a chegada e a partida do trem, participava do encontro dos jovens. Sobrando para o amanhã apenas sonhos que perduram, mesmo depois de passarem por várias gerações, porque as ferrovias, ainda hoje, cantam as suas poesias, dizem as suas prosas carregadas de encantos... Sonhar... Ah! Sonhar até ver chegar o próximo trem de passageiros.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS

Cadeira n° 10 - Patrono: Brasília Machado

**Sobre um homem que
fala demais e pensa que sabe tudo**

(poema épico-burlesco)

As glórias e os feitos desse audaz
Que das trevas o monstro derrotou,
E que à custa de esforço pertinaz
Deslumbrante cultura acumulou,
E tão grande experiência foi capaz
De ajuntar, como diz que ajuntou,
Apregoarei cantando a toda a gente,
A não faltar-me a voz, o estro e a mente.

Se a um covarde Sancho, com suas banhas,
Deu Cervantes renome mundial,
E do louco Quixote as patranhas,
Escreveu-as em prosa sem igual,
Por que do grão Fulano as façanhas,
Há de acaso, levar alguém a mal,
Que usando, não a prosa, mas o verso,
Eu as proclame em todo o Universo?

Ao nascer, em pequena e nobre vila,
Que às margens de aprazível rio se erguia,
Acorrem fadas mil, postas em fila,
E vão prendando o infante que vagia;
Cada qual, co'a varinha lhe instila
Um precioso dom, e só a alegria
Embalou nesse dia os corações,
Em meio a tão fagueiras previsões.

“Serás – dizia uma – como o Sol
“Que ao brilhar tudo o mais obscurece”;

“Terás – dizia outra – de escol
“Memória de quem nunca nada esquece”;
E mais outra lhe augura: “tu em prol
“Lutarás de uma causa que o merece:
“Do Esporte serás tão fiel cultor,
“Que até velho hás de ser bom corredor”.

“Terás – outra dizia – uma tal sorte,
“Que por mais que te operem em hospitais,
“E por mais que te queiram dar à Morte,
“Fracassarão os médicos boçais;
“Serás, enfim, de tal maneira forte,
“Que nunca gemerás nem dirás ais;
“Inda que num desastre te arrebetes,
“Ilesos sairão todos teus dentes”.

“De sua família nunca esquecerá...
– dele dizia uma velha fada –
Filho extremoso e bom irmão será...”
Mas... fica tal promessa inacabada,
Pois com silvado estranho a bruxa má
Aparece (e nem fora convidada!)
Sem descer da vassoura anuncia
Ao rebento o augúrio que trazia:

“Quando tu te puseres a falar,
“Hás de ser sempre tão destemperado,
“Que tua língua sem travas vais soltar,
“Palrando sem pensar e sem cuidado,
“Só de ti falarás, sem escutar
“O que tenha a dizer-te alguém ao lado,
“Ninguém aguentará a tua língua,
“De amigos viverás sempre à míngua;

“Do convívio social assim rompido,
“Julgar-te-ás estrela solitária,
“Viverás rabugento e incompreendido,
“De todos evitado como um pária!”
E tendo tais palavras proferido,
E o terror semeado em toda a área,
A feia bruxa parte, e o faz deixando
As fadas boas tristes e chorando.

“Que havemos de fazer por ti, ó infante,
“Para livrar-te do augúrio feiticeiro?
“Nosso poder p’ra tal não é bastante.
“Mas, se queres um conselho verdadeiro,
“Só uma saída tens, sem variante”
E afirmam todas mil em tom certoiro:
“Para escapares ao que a bruxa agoura...
“... cortes logo tua língua com a tesoura!”

Reconstituição histórica do reinado de Elizabeth I

Foi com gosto que assisti, mais uma vez, ao filme “Elizabeth”, lançado em Londres, em 2007, como nova versão do filme anteriormente vindo a público em 1998, sob a direção de Shekar Khapur, figurando como artista principal, no papel da rainha Elizabeth I, Cate Blanchett, que chegou a ser indicada para o Oscar, como melhor atriz. O filme recebeu Oscar, na categoria de melhor figurino.

O século XVI teve sua história marcada, na Grã-Bretanha, por três grandes rainhas que foram, também grandes mulheres – duas delas feias, uma belíssima; duas delas católicas, uma protestante; duas delas irmãs (ou melhor, meio-irmãs) e uma prima; todas as três de grande personalidade, de grande valor pessoal; todas as três, enfim, atuantes polêmicas da História, e até hoje, séculos depois, capazes de despertar torrentes de admiração e de ódio.

São, respectivamente, por ordem de idade e de aparecimento no cenário histórico, Maria Tudor (1516-1558), Elizabeth I (1533-1603 – a homenageada do filme) e Maria Stuart (1542-1587).

Maria Tudor, apelidada pelos protestantes de “a Sanguinária” (seu apelido *Blood Mary* serviu para nomear um *drink* composto de aguardente de cereais ou vodka, suco de tomate, uma rodela de limão e uma pitada de pimenta, tudo bem gelado – é delicioso, mas não recomendo que se misture com algumas dúzias de ostras, como fiz em Florianópolis e quase morri...), era filha do casamento de Henrique VIII, da Inglaterra, com Catarina de Aragão.

Elizabeth era filha de Henrique VIII com Ana Bolena, a

“Rainha dos Mil Dias”, segunda mulher e primeira vítima do Barba-Azul coroadado que foi Henrique VIII. Bolena acabou no cadafalso, acusada de traição. Era, segundo dizem, feia e deformada, mas “enfeitiçou” o rei e o levou a romper com o Papado e com a Igreja Católica e a aderir ao protestantismo, que num primeiro momento ele havia combatido com ardor, chegando a publicar um livro apologético contra Lutero o que lhe valera a concessão, por Roma, do título de *Defensor Fidei*.

Quando morreu Henrique VIII, sucedeu-lhe seu filho Eduardo VI, oriundo de sua união com Jane Seymour. Teve reinado breve, morrendo sem herdeiros em 1553, ainda adolescente. Depois de morto, a coroa passou para Maria Tudor, a filha mais velha de Henrique VIII, e esta reinou por 5 anos, até 1558, quando morreu. Católica, Maria restabeleceu a religião romana e foi rigorosa na repressão aos complôs protestantes que se sucederam em seu reinado, o que lhe valeu o já citado apelido de “a Sanguinária”. Foi casada com Felipe II, filho do Imperador Carlos V e seu herdeiro no trono da Espanha.

Enquanto Maria Tudor era viva, ninguém contestou sua legitimidade, já que era filha de um casamento reconhecido como legítimo e válido por todos, católicos e protestantes. Ao morrer, porém, abriu-se o problema: quem lhe sucederia legitimamente? Para os católicos, eram inválidos os sucessivos casamentos de Henrique VIII, ocorridos ainda em vida da esposa legítima, Catarina de Aragão, de modo que Elizabeth não poderia suceder; a herdeira legítima mais próxima era Maria Stuart, rainha da Escócia, prima do falecido e católica. Dela falarei mais adiante.

Para os protestantes, as preferências iam para a jovem Elizabeth, protestante como o pai. Ela estivera, ao que parece, envolvida em conspirações contra Maria Tudor, e esteve para ser executada; não o foi, e daí decorreu, por morte de Maria, a ascensão ao trono de Elizabeth, apoiada pelo partido protestante, e o retorno da Inglaterra ao protestantismo.

Maria Stuart era filha do Rei Jaime V, da Escócia, e de uma princesa francesa, da casa de Guise, dos duques soberanos da Lorena. Era sobrinha do Duque de Guise e do Cardeal de Guise, chefes do partido católico na França nos últimos reinados dos Valois. Sua beleza, de acordo com os relatos da época, era deslumbrante. Casou, ainda menina, com Francisco II, rei da França, um dos três irmãos

Valois mortos sem descendência, e enviuvou aos 17 anos. Retornou então à Escócia, da qual era rainha, e assumiu seu papel num país dividido pelas lutas religiosas. Os clãs das Highlands – com exceção dos oportunistas Campbell e de poucos outros – propendiam para a religião católica, enquanto os das Terras Baixas eram mais simpáticos ao protestantismo, de duas facções rivais, as quais também se digladiavam entre si e continuaram a fazê-lo até muito depois.

Na Escócia, Maria casou com Lord Darnley, seu primo, também membro, como ela, do tradicional clã dos Stuarts, a casa real da Escócia, apoiada por numerosos clãs fiéis, entre os quais se destacavam especialmente os Drummonds, aparentados com os Stuarts, já que a primeira rainha da Dinastia Stuart era uma Drummond (Anabela). Os Drummond, nos séculos seguintes, foram sempre fiéis aos seus primos Stuarts e, nas guerras civis do século XVIII, perderam praticamente tudo quanto possuíam, títulos e terras.

Quando morreu Eduardo VI, Maria Stuart passou a reivindicar a coroa da Inglaterra e colocou, em seu brasão de armas, as insígnias heráldicas da Inglaterra. Isso, Elizabeth nunca perdoou à prima. Mais tarde, durante uma revolta de protestantes escoceses, Maria Stuart precisou refugiar-se em território inglês, caindo assim na armadilha de Elizabeth, que a fez prender, julgar e decapitar.

Elizabeth teve um longo reinado, até 1603. Foi calculista, impiedosa, ambiciosa e cruel, muito mais sanguinária que a irmã. Em seu reinado, mais de 40 mil pessoas foram mortas, por motivos religiosos, na sua maioria católicos, mas também protestantes de outras linhas. As execuções de católicos eram particularmente cruéis. O costume era enforcá-los imperfeitamente, com uma corda curta, de tal modo que, na queda, não se partia a espinha dorsal do condenado. Ele era asfixiado, perdendo os sentidos por asfixia. Então a corda era cortada e o condenado era talhado a machadadas, ainda em vida. Durante seus 45 anos de reinado, foram executadas mais pessoas que em 300 anos de Inquisição Espanhola. Daí os católicos ingleses se referirem a ela como a verdadeira sanguinária.

Elizabeth foi salva pelo fato de a chamada “invencível armada”, preparada por Felipe II para invadir a Inglaterra, ter sido dispersa por tempestades e se ter perdido quase completamente. Esse foi um dos muitos lances de sorte que marcaram seu reinado. Ela incentivou a guerra de corso, a pirataria e o mercantilismo. Está nas origens do chamado capitalismo selvagem inglês.

É meio controvertida sua sexualidade. Passou para a História como “A rainha virgem”, porque nunca se casou. O filme idealiza essa circunstância, dando a entender que ela nunca se casou porque preferia conservar sua liberdade, a serviço da Inglaterra, sacrificando assim seu verdadeiro amor por um cortesão. Desconfia-se, entretanto, de que ela tinha algum defeito físico que lhe impossibilitava o ato sexual completo, o que não a impedia de ser devassa e ter vários amantes e favoritos, dos quais, talvez, o mais célebre tenha sido Francis Drake. Era, também, muito feia, mas exercia um fascínio misterioso sobre quantos se aproximavam dela. Sua feiúra, mas também o seu fascínio, a meu ver foram muito bem representados por Cate Blanchett, graças à maquiagem soberba e ao seu grande talento de atriz.

Paradoxalmente, por não ter filhos, quem sucedeu a Elizabeth foi Jaime VI da Escócia e I da Inglaterra, filho de Maria Stuart. Mais paradoxalmente ainda, Jaime foi o continuador a obra de Elizabeth, distanciando-se de todo da trajetória de sua mãe, que Elizabeth assassinara. Foi ele quem assinou a tradução oficial da Bíblia em inglês, a célebre *King's James Bible*, e quem formulou a doutrina absolutista do Direito Divino dos Reis, combatida tenazmente por teólogos como São Roberto Belarmino e o Pe. Francisco Suárez.

Como retrato de costumes e como cenário, o filme em questão é belíssimo, embora distorça completamente a realidade histórica que procurei mostrar acima.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA
CAPELETI**

Cadeira nº 17 - Patrona: Virgínia Prata Grigolin

Soneto Decomposto

Meu último soneto foragido
De quem lhe profetiza morte breve
Fazer-se de moderno só se atreve
Por loucas esperanças de ser lido.

Meu último soneto entristecido
Despede-se das rimas companheiras,
Espindo-se do canto mais preciso
Que embala seus desejos de poema.

Meu último soneto, não duvides:
São muitos os banidos,
os tristonhos.
Parece que não há lugar pra todos.

Banido é o velho,
o enfermo,
o descontente.

Banidos os rebeldes,
os boêmios
E tu, que és vão soneto posto a prêmio.

Classificados

RE-VENDO, por motivo de mudança, poema semi-novo, em bom estado, com torres-de-marfim vindas de França e um lago em seus jardins ensimesmado. Em troca, aceito um canto mais moderno, repleto de grafismo em tons escuros, com guardas patrulhando o lado externo e um medo a se esgueirar por entre os muros.

Encomenda Bélica

Hoje encomendaram um poema bélico:
Versos que provassem
Que a verdade importa quando está comigo
E meu deus é grande porque mata mais.

Deve ser escrito em vermelho vivo.
Nada de vermelho cor de sangue, escuro.
Querem tons vibrantes de cereja ao sol
Inspirando gritos de guerra incontidos.

Querem ameaças contra céus e infernos:
Pobre do diabo que estiver ao lado
Dos meus inimigos!
Pobre do anjo inútil que pensar em paz!
Jazerá prostrado onde o deus dos sábios
Mutilado jaz.

Lago

Refito um mundo azul ensolarado
E noites também mostro, pois sou lago.
De imagens ondulantes, sou formado.
Mutante é meu semblante sempre vago.

Em ter um rosto imóvel, não me agrado
E as brisas companheiras perto trago
Enquanto vou tramando, com cuidado,
O manto de reflexo em que sou mago.

Magia rebrilhante em tantos feixes,
Eu vivo mergulhado em teu conselho
E peço que, sem vida, não me deixes.

Das nuvens do poente, um tom vermelho
Reúna-se aos dourados de meus peixes
Causando funda inveja ao raso espelho.

Clepsidras

Mania de precisão:
O homem que controlava
Os velhos relógios d'água
Sempre disse que faltava
"Uma gota pra hora exata".

A menos ou a mais? Não importa!
O fato é que a hora certa,
Por certo, se esconderia
No pingo que lhe sobrasse
Ou no que lhe faltaria.

E que falta lhe faria
A conta da gota exata
Na exata conta da gota
Da qual faz parte este dia!

O Outro

A vítima, o faminto, o diferente,
O estranho, o triste, o herege, o escuro, o torto,
O belo, o feio, o pobre, o dissidente,
A fêmea, o sábio, o bruxo, o livre, o morto
Destroem nosso mundo tão perfeito,
Desprezam o viver em cativo,
Prosseguem sem pensar que, deste jeito,
Expõem nossos temores por inteiro.
A cada qual aguarda seu suplício:
Degredo, beijo-à-força, excomunhão,
Mordaça, ferro em brasa, cruz, hospício,
Fogueira, forca, roda, escravidão...
Seguimos demonstrando, desde cedo,
Ao outro a imensidão de nosso medo.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CARLOS MORAIS JÚNIOR
Cadeira nº 18 - Patrono: Madalena Salatti de Almeida

Construtor de Imagens

Acho que todo poeta sabe, bem lá no fundo, da importância da imagem para a sua poesia, da linha tênue que existe entre o material e o imaterial, unindo estes dois mundos de forma coesa e própria, como se o sonhar pudesse, repentinamente, tornar-se realidade, e a realidade, por sua vez, pudesse passar do real para o sonho, completando a mágica da metáfora e da impossibilidade, da insensatez, da fantasia e do imponderável. Mas qual a técnica de um construtor de imagens? Sem dúvida, a simplicidade de seus versos quase universais, tendendo para o coloquial, sem rebuscamentos possíveis ou palavras forçadas para dar ênfase.

Talvez mais antiga, mais universal e mais afeita ao povo, a poesia que traz sua base do grito, do primordial que existe dentro do ser humano, desenvolveu seu universo através dos séculos e aporta nos nossos dias ilesa, livre de impurezas, incólume e inteiriça, como a arte de transformar a imagem em sentimento, e o sentimento em palavras. Derivada da arte de representar, impregnada com os bafejos e as cores do teatro primitivo, de forma tão intrínseca, a arte da poesia interpretativa e que retrata o imaterial que emana da realidade é tão importante, hoje, como captar imagens imediatas de um vídeo ou de um filme.

E como deve ser o ritmo de um poeta moderno? Sem dúvida, ele deve ser o ritmo ágil das máquinas, dos barulhos e ruídos da modernidade, da memória e do palavreado dos passeantes que passam apressados, parecendo jamais chegar a lugar algum, deve ter o ritmo lento e alucinante das danças, das músicas, o poder belicoso da gíria, da vida que é vivida nas periferias, das melodias entoadas pelos instrumentos rancorosos de hoje: metralhadoras, escopetas e fuzis R-15; melodias que contam a história de vidas que se perderam no meio do caminho, de pessoas que foram e vieram, de pessoas que deram a vida para que o sentimento pudesse fluir e transformar-se

na matéria-prima do cotidiano do poeta.

Se é verdade que a poesia é uma arte nobre, uma ponte entre o lacônico ritmo enjaulado entre as quatro paredes de uma cela de segurança máxima e o ritmo largo e cabal dos tiroteios, dos gritos desafinados de horror daquelas vítimas que clamam por justiça, procurando na religião o que esta nunca vai poder dar; afirmamos ser o ritmo do poeta alguma coisa que também se encontre nas quadras desertas de uma favela, nos corredores dos hospitais e nas lajes frias e despidas das morgues; pois aí, o poeta constrói seus versos e suas histórias parelhas, uma dependente da outra, para terminar seu mister em um bordão de arrancar gritos de histeria, que incorpora a chave de ouro desta poesia tão popular e, ao mesmo tempo, a mais erudita de todas!

Certamente, sem envergonhar-se, sem buscar meias palavras ou coisas fantasmagóricas e surpreendentes, o poeta demonstra sua capacidade como autor, como compositor e construtor de imagens, adestrando de maneira exata as várias facetas de seu mundo poético, a nos ensinar que, mesmo nos dias de hoje, cabe assunto para fantasiar e tergiversar sobre realidades tão palpitantes e de tanta sinceridade, como o amor, a violência, as coisas da cidade, o mar, as forças da natureza e o íntimo de todos nós, que deve saber tão bem desvendar e decodificar.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA SILVA
FERNANDEZ PILOTTO**

Cadeira nº 19 - Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

Simplicidade Voluntária

*“Onde, em jardins exaustos
Nada já tenha fim,
Forma teus fúteis faustos
De tédio e de cetim.
Meus sonhos são exaustos,
Dorme comigo e em mim.”*
(Fernando Pessoa – Poesias coligidas)

O pijama puído incomodava os parentes naquela noite de Natal. Todos insistiam com Helena sobre a necessidade de colocar uma roupa mais apresentável. A octogenária não se incomodava com a opinião dos sobrinhos. Em cada semblante só havia o desejo de vê-la partir para que a herança pudesse ser usufruída.

Sorriu ao imaginar o plano que arquitetara na última década. Quando se apercebera da mórbida senilidade e da dolência dos ossos, músculos e ideias. Tinha medo de ficar impregnada de imobilidade e não poder reagir.

Refizera o testamento por completo, deixando o mínimo para cada um. O grande montante de sua fortuna seria doado ao Estado.

Na hora da confusão da ceia, entrou em seu quarto por um instante, fugida da família que atulhava a sala. Trancou a porta. Armário revelado. Olhou para a porta dupla de verniz já carcomida cujos traços de pirógrafo recortavam arabescos venezianos. Do lado mais penso, anos de história familiar. Helena retirou, com as mãos trôpegas, o álbum de fotos já esmaecidas da prateleira do meio. Espalhou pela cama, recoberta de uma linda colcha de pique branca uma série de imagens de sua juventude.

Uma linda debutante de coque, a festa da Hípica, o Derby da primavera, o *Réveillon* no Copacabana Palace, a vinda do Príncipe

René ao Brasil... Saudades de um Rio de Janeiro de águas serenas que embalavam juventudes sadias. Ipanema com garotas inspiradas na bossa nova com letras instigantes e doces melodias. A lata d'água da Maria da favela era harmonia em um carnaval feito só de jinga e encantamento humano.

Almas expostas ao sabor de uma rotina plausível de exortação. Uma lágrima furtiva rolou e caiu sobre a foto carnavalesca de Ibrahim Sued borrando seu lindo *summer* prateado.

Olhou para o espelho, os olhos azuis reluziam, abriu a porta e desceu para rever a corja:

– “Ademã, família, que eu vou em frente”...

Dualidade Patética

Fico atônita no burburinho da rotina
enlevada pela obrigação e rigidez dos fatos
fixada num ponto estático do espaço
arremessada como projétil certo

O lado esquerdo sôfrego pela fuga
encena em falso uma súbita retirada
ensaiada inúmeras e inadvertidas vezes
no intuito inútil de esvair-se pela janela

O lado direito disfarça e fantasia
veste máscara, trajes e purpurina
mantendo em palco um afã aparvalhado
de compor parte do elenco cotidiano

O eu centrado esfacela-se pela angústia
do que reserva qualquer decisão tomada:
se enfrenta com galhardia a própria vida
ou opta pelo exílio da inexistência...

Barbárie

Os povos se confrontam
mesquinhamente se digladiam
pela maldita posse das terras
em odiosa sede das guerras
decapitando-se mutuamente

E as sequelas dos encontros
geram cada vez mais violência
num pacto
em rictos
do acordo assumido
e consumado pelo descaso de seu próprio destino
em desatino

Qualquer aceno de complacência
geraria o entendimento possível
selando destinos
usados em sentidos contrários
sedados idealismos
ceifadas intrigas
ceifadas vidas
segregados povos
sediadas mágoas
infiltradas nos corações humanos

O séquito dos desajustados
conhecidos como homens
de almas perfuradas
amorfas
execradas
seguem em batalhão
ao Ocaso do mundo
criado por seu próprio desatino...

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO ALMEIDA
DE NEGRI**

Cadeira nº 20 - Patrono: Benedito Evangelista da Costa

Batalha perdida

Corriam os anos dourados, nos fins dos anos sessenta, quando ainda existiam professores que realmente ensinavam com orgulho.

Era a época em que se dava mais importância a deveres cumpridos do que a direitos exigidos, pois a teoria era que, quando todos cumprem seu dever, não há direitos a serem exigidos.

O jovem de quinze anos estudava na escola pública e, naquela época, as escolas públicas eram melhores do que as particulares.

O jovem estava feliz, pois se aproximava o final de ano e, junto com ele, as férias escolares; antes porém, teria que transpor os obstáculos dos exames finais.

Durante o ano todo tivera notas baixas nas provas bimestrais e agora, para o exame final, bastaria estudar um pouco para vencer novamente aquele ano letivo.

O dia fatídico chegou e, quando foi verificar as notas, não podia acreditar, em vermelho estava escrito “reprovado” na matéria desenho geométrico .

O sangue subiu à cabeça, e num ímpeto de vergonha e raiva, pensou em jogar ácido muriático daquele vidro que tinha em casa, no capô e no teto do carro do professor.

Não levou adiante o intento e resolveu apenas falar com o mestre.

No diálogo, o professor responde calmamente com a convicção de quem cumpriu seu dever:

– Cássio, você foi reprovado por meio ponto, mas eu não posso lhe dar esse meio ponto porque você não mereceu. Vi suas notas desde o primeiro ano ginasial e você, todo ano, tira notas baixas todos os meses e só no exame final se esforça para passar de ano. Portanto, você é inteligente, mas preguiçoso. Será inapelavelmente

reprovado e um dia no futuro irá me agradecer.

Saindo dali, o jovem sentiu o gosto da derrota. Perdera o ano, enquanto seus colegas passaram à sua frente.

O ano seguinte se iniciou e outro, mais outros anos se passaram, e dali em diante, Cássio também passou a tirar somente notas altas durante todo o ano, tornando-se ótimo aluno.

Assim, após esta transformação, passou também na faculdade de medicina.

Já formado médico, após doze anos, numa tarde entra em seu consultório aquele professor para se submeter a um exame. Começam a conversar sobre os velhos tempos, pois nunca mais haviam se encontrado.

Relembra a reprovação, quando o ex-aluno diz:

– Professor Costa, quero lhe agradecer pelo senhor ter um dia me reprovado, pois se não o fizesse, hoje eu não estaria aqui fazendo este exame, continuaria preguiçoso e não teria me formado médico.

Os olhos do velho professor se enchem de lágrimas e ele diz:

– Caro doutor, muitas vezes é necessário perder uma batalha para se ganhar uma guerra.

(Texto escrito em homenagem ao professor Benedito Evangelista Costa, meu professor no Sud Mennucci e patrono na APL)

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA
SILVEIRA**

Cadeira nº 21 - Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

Casa em ruínas

Aquela casinha distante
Recortada no horizonte
Em ruínas e sem valor
Derramava suas lagrimas
Recordando quanta vida
Preencheram suas paredes
E tudo mais ao seu redor

Um casal apaixonado
Gritinhos de crianças
Ecoavam pelo ar e
Agora sem calor
Sem abrigo
O vento frio estilhaçando as janelas
Levando restos de saudades
Suspiros de amor.

O bosque

Imaginem vocês onde se fazia macumba na Piracicaba do século passado? Havia uma árvore grossa, bem no meio do bosque, que ficava do lado de cá do Cemitério da Saudade, com o tronco todo enrugado e galhos fantasmagóricos. Era nesta árvore, num nicho feito em seu tronco, onde sempre se viam tocos de velas, que deveriam ser usadas para chamar as almas penadas, igual à daquela moça, que numa certa manhã, foi encontrada morta, porque atravessou o bosque, quando voltava de um baile. Mas, para outros, não

era macumba coisa nenhuma! Esses acreditavam que eram andarilhos e malfeitores, que dormiam por ali e faziam do bosque seu esconderijo, que acendiam essas velas, no meio das árvores frondosas e perto de um bambuzal fechado que ficava quase no meio do terreno, junto a uma clareira arenosa. Esta certeza se solidificava ainda mais porque muito se ouvia falar que bandidos se escondiam entre as árvores e que roubavam, surravam e faziam mal a qualquer pessoa que passasse por ali à noite. Como todas as lendas têm fundamento, esta, se fosse mesmo lenda, também tinha, nas peças de linho, cretone e casimira, que dizem, tinham sido roubadas de uma loja ali dos arredores.

E para aqueles que já devem estar perguntando ou imaginando onde era esse local, imaginem o quadrilátero formado pela Rua Silva Jardim, Rua São José, Avenida Independência e Rua Moraes Barros, onde hoje está a sapucaia, enfeitada na época de Natal pelas pessoas da Cidade Alta, que é a única árvore remanescente do antigo Bosque do Bairro Alto. Onde era o bosque, hoje é o Estádio Barão de Serra Negra e o Ginásio de Esportes “Waldemar Blatkauskas”.

O tal bosque era um local que assustava crianças e adultos, principalmente durante a noite. O chão da clareira era de uma areia muito fina, onde as crianças brincavam com seus velocípedes, na companhia de irmãos mais velhos ou das babás, que se sentavam no meio das crianças para contar lindas histórias e contos-de-fadas. Ali, os meninos jogavam pião, barrabol, bolinhas de gude, pique, passa-anel, esconde-esconde, cabra-cega, e ainda para fazer algumas traquinagens, como retirar o visgo de certas plantas para apanhar passarinhos que ficavam grudados naquela cola, para depois serem colocados nas gaiolas. Outra armadilha muito usada era a arapuca, na qual, com paciência, se esperava que a presa incauta viesse comer a isca de quirera.

Mas o Bosque tinha outras lendas, que povoavam a mente do povo da época. Eram histórias de fantasmas, de almas penadas, que saíam do cemitério para aterrorizar os vivos. Por isso era preciso ter muita coragem para chegar perto do bosque e do cemitério à noite, porque, segundo se comentava boca à boca, tudo o que se comentava era a pura verdade.

Muitos devem lembrar da lenda do fantasma de uma moça louca, que saía de dentro do cemitério e solicitava companhia de quem passasse ali por perto.

Segundo um dos muitos relatos, que ouvi quando era ainda

muito criança, dizia-se que um homem deveria passar à noite, de qualquer maneira, em frente do portão do cemitério, e como ele estava morrendo de medo, andava a passos rápidos para chegar logo ao outro lado. Naquela angústia e por causa de toda aquela pressa, ficou muito aliviado quando viu o vulto de um homem que ia logo a sua frente. Correu até alcançá-lo e disse:

– Que bom que você está aqui! Posso acompanhá-lo? É que eu morro de medo de passar em frente do cemitério à noite!

Ao que o desconhecido então lhe respondeu:

– À vontade! Vamos passar juntos. Entendo bem a sua preocupação, pois quando eu era vivo, também tinha muito medo de passar por aqui!

Imaginaram o susto? O homem correu gritando como louco, descendo pela Rua Moraes Barros e só parou quando estava perto do ribeirão do Itapeva, hoje Avenida Armando Salles de Oliveira!

Quimera

Estava debruçada à beira do penhasco, observando o ir e vir das ondas ricocheteando nas rochas e explodindo suas águas enérgicas que pareciam zangadas. Relâmpagos tremeluziam no horizonte escuro pelo entardecer preste a se findar.

Elas deveriam estar cansadas por virem de tão longe, se desdobrando em vagas desde outras terras distantes, onde as praias e pessoas tão diferentes em todas as costas deveriam despertar-lhes as curiosidades e então se espriavam sobre a areia querendo ver mais adentro, ou pretendendo subir pelos rochedos para espreitar o que havia por trás deles. Queriam conhecer os homens e como eles viviam porque não os compreendiam...

Às vezes queriam saber o que existia dentro daqueles navios tão grandes ou barcos à vela, e, então, se tornando gigantescas, lavavam todo o tombadilho trazendo muitos objetos que estavam neles. Uma linda mocinha toda vestida de branco, da cor das suas espumas num tecido esvoaçante, chamou sua atenção quando ela se debruçou na balaustrada de um iate que passava.

O vento enfunando suas ondas arremeteu-as para dentro do

iate, trazendo para si a linda moreninha junto dos outros destroços. Ela gritava, chamando por seus pais, batendo pés e mãos. E não é que ela sabia nadar, pois até conseguiu se agarrar numa tábua que flutuava? Essa foi sua salvação, até que tudo foi se acalmando, o tempo, que não estava nada bom, prenunciando uma tempestade com relâmpagos coriscando o céu, foi se acalmando como que por encanto.

O mar queria tanto ficar com a garota para sempre junto dele, mas pensou: não valeria a pena, os homens eram mortais, não duravam para sempre, ele bem o sabia, suas vidas eram falazes. Então, para que ter esse desejo? Isso era apenas uma quimera!

O mar mostrando seu amor pela garota, deslizando as águas sobre seu corpo como para conhecê-lo centímetro por centímetro, foi levando-a para a praia mansamente, embalando aquele corpo frágil.

Quando ela é depositada a salvo na praia, as ondas recuam e, suspirando, acordam daquele rompante para chegarem à conclusão de que a mocinha nada representava de especial que merecesse sua curiosidade, tinha vida efêmera como qualquer ser humano. E, como ser humano, não era nada confiável, porque são de uma espécie predadora que onde tocam estragam, não são unidos às leis universais, eu mesmo já não sou o mesmo, não sou tão limpo nem sadio e nem os que convivem comigo. Muitos espécimes nem mais existem pela ganância, tiram mais do que precisam para viver, sujam minhas águas com óleos que matam peixes e até aves marinhas que são do espaço. Animais marinhos estão se deslocando do seu habitat porque os humanos estão conseguindo destruir até o clima, o ar e o gelo. Tive-os sempre como meus amigos, mas agora não confio mais, eu levo-os para o fundo, se eu puder, pois são perigosos para a fauna e a flora. Os atóis estão diminuindo com a poluição, estão deixando de colorir este nosso mundo encantado. Líquens, algas, musgos, conchas com suas pérolas, estão com os dias contados.

Tudo na terra é criação de Deus e todos se beneficiam da sua criação numa dependência recíproca e benéfica e, sendo cíclica, entram em cadência uns com os outros. Por isso, todos devem se respeitar para haver harmonia e sobrevivência unânime a todos que pertencem à cadeia da Criação de Deus.

Tudo isso estou pensando mas é em vão, se essa moça e toda sua espécie não tiverem consciência disso.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ELIAS JORGE
Cadeira nº 22 - Patrono: Erotides de Campos

A genialidade de uma mulher

Ao escrever este artigo, não estou certo se o faço na esteira das algemas do destino ou se por feliz coincidência. A verdade é que a escolha do tema não ocorreu de forma aleatória. Não. Trata-se de algo que sempre desejei abordar, mas jamais encontrei o momento certo. E isso agora acontece quando me é permitido trazer esta matéria às nascentes páginas da primeira edição da Revista da Academia Piracicabana de Letras, presidida por uma mulher. E o fato, repito, se por destino ou coincidência, levou-me à lembrança de Rozany Martins de Barros Jorge, consagrada concertista de música erudita.

Ainda, aos bons ventos das coincidências, vale trazer à vista um retalho de artigo da lavra de João Chiarini, publicado em 16 de junho de 1957, no Jornal de Piracicaba, após recital de Rozany em nossa cidade: “Executante crente, duma firmeza ao lado de uma limpeza incomparáveis. Deu-nos um concerto de música de vanguarda. Joga com os registros, com os baixos, com as teclas, quando as executa. Bach é cheio, repentino de musicalidade intensa nas mãos dela.”

A partir das considerações do saudoso fundador da Academia Piracicabana de Letras, cumpre juntar, aos anais da nossa Casa, uma sucinta biografia de Rozany Martins de Barros Jorge. Ela nasceu em Piracicaba, no dia 16 de março de 1933, e faleceu em São Paulo, em 29 de julho de 1989. Na área didática publicou métodos e arranjos para acordeão por meio das maiores editoras do Brasil. Em 1957 fundou o Conservatório Dramático e Musical de Piracicaba. Durante anos no Conservatório, formaram-se professores de música, nos mais diferentes instrumentos. A isso se acrescente a realização de dezenas de recitais com grande sucesso de público e crítica.

Em reconhecimento à sua intensa atuação na área cultural, Rozany recebeu ofício da prefeitura de nossa cidade, datado de 13 de julho de 1959, nos seguintes termos: “A atuação de V.Sa. em Pi-

racicaba, incentivando e promovendo o progresso dos mais variados ramos da Arte, merece a gratidão dos piracicabanos. Aceite, com minhas congratulações, meus protestos de respeito e amizade. Luciano Guidotti, Prefeito Municipal.”

Por suas atividades artísticas, Rozany foi agraciada com a Medalha Imperatriz Leopoldina, oficializada pelo governo federal. E, ainda, com a Medalha Benito Juarez, do México.

Todavia a consagração de Rozany veio a ocorrer por sua indiscutível genialidade ao interpretar as mais variadas músicas eruditas em seus concertos e recitais. Ela foi a primeira na América do Sul a executar um concerto para acordeão e orquestra sinfônica. Essa apresentação ocorreu na cidade de Santos. Em nosso município, apresentou-se com a orquestra regida pelo maestro Benedito Dutra. Além de recitais em Piracicaba e na capital, Rozany se apresentou em muitas cidades do Estado de São Paulo, sob os auspícios do Ministério da Educação.

No exterior, foi por duas vezes capa da revista *Fisarmonica*, editada na Itália, em que mereceu as seguintes considerações: “Si a tenuto recentemente al Teatro Municipale de Santos un grande concerto per fisarmonica e orchestra de Pietro Deiro. Esecutori d’eccezione sono stati la famosa fisarmonicista Rozany de Barros e l’orchestra Sinfônica di Santos. Il concerto há avenuto um successo strepitoso, tanto che il pubblico há reclamato ed ottenuto alcuini bis.”

Das críticas recebidas, cabe destacar as seguintes: *Jornal de Piracicaba*, de 7 de junho de 1958: “Rozany M. de Barros Jorge confirmou suas magníficas qualidades de musicista. A *Tocata em ré menor*, de Bach, teve uma execução muito feliz, conseguindo a artista oferecer toda a beleza e majestade da imortal peça do mestre. Também a bela *Fantasia Improviso*, de Chopin, a Sra. Rozany interpretou com limpeza admirável, conseguindo todas as sutilezas emocionais que a página encerra. Finalizando o recital, ofereceu à plateia uma magistral interpretação da bela *Rapsódia Azzurra*, de Bio Boccosi.”

O *Diário de Piracicaba*, 7 de junho de 1958: “De Rozany M. de Barros, já consagrada pelo nosso público como acordeonista extraordinária e consumada, tudo o que se dissesse se enquadraria numa série de elogios irrestritos à técnica perfeita, à expressão vibrante, à personalidade singular e envolvente com que executou as

peças escolhidas.”

Além de Piracicaba, Rozany mereceu calorosas críticas em outras cidades. Entre as tantas, vale destacar as seguintes: Folha de Botucatu, 8 de outubro de 1958: “A Sra. Rozany demonstrou ser possuidora de uma vigorosa e brilhante virtuosidade que lhe permite obter do instrumento efeitos encantadores.” A Gazeta de Botucatu, 16 de outubro de 1958: “Rozany estava fadada a empolgar o público seletos que compareceu ao recital. E foi o que conseguiu, como provam os intermináveis aplausos, que foram tais a arrancar-lhe um ‘extra’ no final do programa.”

Para finalizar esta mal-alinhavada biografia, vale a pena lembrar que Rozany, além de ter sido capa da revista *Mirante*, de Piracicaba, mereceu de Renato Wagner (hoje nome de via pública em nossa cidade), que a entrevistou, as seguintes considerações: “Rozany Martins de Barros Jorge – estrela de 1ª. grandeza na constelação dos grandes artistas piracicabanos – merece sem favor o título de maior virtuose da harmônica surgida sob os céus da Noiva da Colina. Compositora, escritora e ‘virtuose’ da harmônica, Rozany é um dos mais belos ornamentos artísticos de nossa terra.”

Vida sem a morte

Este amor por ti, que me aquece intensamente,
encanta minha alma como a tenra inquietude
do primeiro beijo na verde juventude,
que despontou flóreo e não mais que levemente.

Embora de mim em corpo estejas ausente,
não esqueci tua generosa virtude,
que acalentou nosso destino em plenitude
no calor da paixão em nós sempre presente.

Hoje, na solidão que tanto me tortura,
carrego o peso da minha madrasta sorte,
algemado na mais tristonha desventura.

Mesmo assim uma luz ilumina meu norte,
para que eu possa ter a suprema ventura
do feliz reencontro da vida sem a morte.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ELIAS SALUM

Cadeira nº 5 - Patrono: Leandro Guerrini

Síria: onde se ouve a voz da História

País considerado um dos berços da civilização por ser, entre outras coisas, o local onde se cultivaram os primórdios da fé mono-teísta e se originou a escrita cuneiforme. A sua origem é profundamente histórica para a humanidade.

O Oriente Médio tem posição privilegiada na história da humanidade. As nações que compõem a região são originárias de civilizações milenares, cujos costumes permanecem até hoje, tanto nas culturas locais quanto disseminados pela sociedade moderna ocidental.

Entre os herdeiros dessa tradição está a Síria, considerada o Portão da História, por ter servido como via de acesso do comércio entre o Mediterrâneo e o Oriente, ter levado o alfabeto ao Ocidente e também por ter sido uma terra de transição entre as divindades regionais e a fé monoteísta. A Síria é “onde a voz da história pode ser ouvida, onde o solo imprime as marcas das primeiras civilizações, algumas delas datando do 4º milênio a.C.”, como afirma a revista da Câmara do Comércio Árabe-Brasileira, além das notáveis reportagens históricas divulgadas pela revista “Cham’s”, pela Gazeta “Al Nur” e dezenas de livros históricos, que se encontram na biblioteca da Sociedade Sírio-Libanesa de Piracicaba.

A ocupação da área que hoje compreende a Síria teve início por volta de 9 mil anos a.C., quando grupos de caçadores optaram pelo cultivo de terras, se fixaram na região e ao longo de 6 mil anos desenvolveram o comércio e urbanizaram as comunidades -- O que contribuiu para a formação de diversos povos. Entre os fatos mais importantes está a invenção da escrita cuneiforme, na cidade de Ebla, a 3 mil anos a.C.

Desse período até a chegada dos árabes, dominaram a região amonitas, hititas, fenícios, egípcios, arameus, persas, gregos, romanos e assírios (de onde vem o nome do país Síria). Todos eles deixa-

ram suas marcas e contribuíram para o caldeirão cultural das terras sírias, que conquistaram sua primeira independência em 1941 e, somente em 16 de abril de 1946, sua total independência e a proclamação da República, com a retirada de todas as tropas estrangeiras.

Os imigrantes árabes do Brasil são procedentes da Síria, Líbano e Palestina. Quando se iniciou a imigração, em fins do século XIX, o Império Otomano ainda dominava a região e a grande maioria dos imigrantes chegava com passaporte turco, vindo assim a serem conhecidos por “turcos”, termo este usado pejorativamente e que deturpava a verdadeira identidade nacional dos imigrados.

Em São José do Rio Preto, conforme informa Truzzi, o árabe falado por sírios e libaneses provocou muito mais que chacota e desconfiança. Em 1906, o aguerrido vereador “nacionalista” Porfírio Pimentel indicou a seus pares edis a aprovação do seguinte projeto:

“A bem popular e bem do governo Municipal desta cidade:

1) Todos os negociantes árabes e turcos desta cidade não poderão continuar no comércio deste Município sem ter um guarda-livros, esse que seja brasileiro, dentro de 30 dias (...)

2) Todos os turcos que falarem na língua turca perto de um brasileiro, por cada vez que falar, multa de 10\$000, paga na boca do cofre Municipal. Todo brasileiro que ouvir eles falando e não der parte ao fiscal, multa de 10\$000.”

A partir daí, um trabalho de esclarecimento e diferenciação começa a ser promovido pelos imigrantes, tanto nas suas relações pessoais como na imprensa árabe e brasileira. Exemplos sobejamente conhecidos pelos brasileiros são as centenas de instituições e escolas fundadas pelos árabes, como a rua 25 de Março, conhecida até hoje como o núcleo comercial por excelência, de brasileiros árabes; a nossa Sociedade Beneficente Sírio-Libanesa de Piracicaba; o Hospital Sírio-Libanês, entre os maiores e mais conceituados do mundo; o Clube Homus de São Paulo; o Clube Atlético Monte Líbano etc.

Entidades árabes no Brasil: 322. Em São Paulo: 181.

Líbano

A costa libanesa foi outrora base do poderoso império comercial fenício. Desde essa etnia, a região foi ocupada por assírios, persas, gregos, turcos otomanos, ingleses e franceses. Em 1941, o Líbano conquistou sua independência, após 21 anos sob mandato francês.

Dotado de extenso litoral no Mediterrâneo, praias belíssimas, palmas e jardins exuberantes, com uma soberba paisagem natural, constituída de montanhas, o Líbano é provavelmente o mais atraente recanto de todo o Oriente Médio, de onde imigraram milhares de nobres famílias para o Brasil e grande número para a cidade de Piracicaba.

Por feliz coincidência, ontem recebemos, do Senado Federal, cópia do Projeto de Lei nº 445, de 19/11/08, de autoria do Senador Romeu Tuma, que instituiu o dia 22 de novembro como o “Dia da Comunidade Libanesa no Brasil”.

O cedro do Líbano, que é o seu símbolo, é uma árvore muito antiga. Existem muitos tipos de cedros, mas o cedro do Líbano é o mais velho, o mais forte e o mais bonito, podendo viver centenas de anos, e por isso marcou sua presença na história da humanidade. A Fenícia, como era chamada antigamente, ocupava o atual Líbano, que se localiza no continente asiático.

As atividades árabes desenvolvidas nas áreas do comércio, da cultura e da benemerência, em Piracicaba, deram origem à Praça Sírio-Libanesa, em 1967, onde se edificou um destacado monumento. No centenário da fundação da Sociedade Beneficente Sírio-Libanesa, em 2002, construiu-se um Portal, no início da Rua Governador Pedro de Toledo, simbolizando a entrada imigratória dos sírios e libaneses em nossa cidade.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ERASMO PRESTES DE SOUZA

Cadeira nº 1 - Patrono: João Chiarini

Quatro perguntas clássicas

Sempre o homem interrogou, buscando respostas às suas grandes perguntas, as quais podem ser reduzidas às quatro clássicas:

QUEM SOU? - um homem ou um animal?

ONDE ESTOU? - é este o único mundo habitado?

DE ONDE VIM? - é a pergunta do advento; como surgiu o homem?

PARA ONDE VOU? - é o problema máximo de todas as épocas: o problema da morte.

Deus é o criador do homem e este é um cidadão de dois mundos: finito, recebe o corpo; e infinito, recebe a alma.

Eis algumas teorias a respeito do homem: para Comte, Epicuro e Spencer "as idéias são sinais de impulsos que o homem é, um animal que cria idiomas; um animal que cria instrumentos para as atividades econômicas; um animal cerebral, porque o homem comparado com os outros animais, consome maior soma de energias no trabalho do cérebro". Outros ainda atualizam os instintos de reprodução, de poder e a intuição; temos então a concepção econômica na história, procurando explicar os fatos humanos como causados pelo fator econômico, tornando o homem tão somente um produto da natureza. Por seu turno, os racistas valorizam o homem, pelos choques de raças. Dentro desta concepção temos então, o "poder" de Maquiavel, a "vontade" de potência de Krause, Adler e outros. Há os que afirmam que o homem é um desertor da vida. Para esta teoria, o homem é um ser pretensioso, que pensa porque não pode e não sabe para onde ir; e escolhe, racionalmente, porque não sabe agir instintivamente. É astuto, mas fraco e débil fisiologicamente.

O homem é, então, perante a história, apenas um efeito ou

uma causa? Em outras palavras: ou somos um produto da história ou a história é um produto do homem; ou somos determinados ou os determinamos, ou ainda, o homem é dirigido para a história ou o homem a dirige.

Qualquer das duas concepções, pelo seu unilateralismo, é abstratista.

Não é possível formar o homem sem ter uma idéia da sua natureza e de seu destino. Não é possível prepará-lo para a vida sem conhecer as razões supremas do viver. Resolver o problema do homem; dar um ideal à vida, à beleza de sua perfeição e à grandeza de suas responsabilidades, que outra coisa é se não entrar em cheio na solução religiosa da existência humana?

Quem sou? - Sou um eleito de Deus, "...criado à sua imagem e semelhança"⁽¹⁾.

Onde estou? - No mundo, para servir aos propósitos de Deus, amá-LO e gozá-LO para sempre. "Porque assim diz o Senhor, que tem criado os céus, o Deus que formou a terra: Ele a estabeleceu, não a criou vazia, a formou para que fosse habitada"⁽²⁾.

De onde vim? - O meu corpo veio do barro, feito poder de Deus. "E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, na banda do oriente; e pôs ali o homem, que tinha formado..."⁽³⁾.

Para onde vou? - Para Deus, que me elegeu. A árvore da vida, que Adão perdeu com a transgressão⁽⁴⁾ será restaurada por Cristo. O acesso a essa árvore, constitui uma promessa feita aos vencedores⁽⁵⁾. O dar ela doze frutos⁽⁶⁾, sendo uma nova espécie cada mês, sugere uma razão porque, na nova terra, toda carne estará perante Deus para adorá-LO, como está escrito em Isaías ⁽⁷⁾.

O mundo está aí a exigir uma resposta às quatro perguntas clássicas.

E qual tem sido a sua resposta?

1 Gn 1.26
 2 Is 45.18
 3 Gn 2.8
 4 Gn 2.9
 5 Ap 2.7
 6 Ap 22.2
 7 Is 66.22,23

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FELISBINO DE ALMEIDA
LEME**

Cadeira nº 8 - Patrono: Fortunato Losso Neto

Piracicaba canta em prece

Piracicaba dos encantos,
Terra dos anseios mil.
Cantada em muitos cantos,
Deste abençoado Brasil.

Saudade de cada ausente,
Dói em nossos corações.
Seu rio se faz presente,
No mergulho das emoções.

Cidade que me viu nascer,
Berço que me enriquece.
Na oração deste amanhecer,
Piracicaba canta em prece.

Canto de Paz

Canto de paz,
Clama o coração.
Gesto que se faz,
No amar o irmão.

Sorriso de criança,
Semblante de alegria.
Limiar de esperança,
Clareando novo dia.

Bondade infinita,
Amor que satisfaz.
Na música bendita,
Ouço Canto de Paz!

Poeta Alma de Criança

Poeta alma de criança,
Voz que nos sensibiliza.
Sinto paz da esperança,
No perfume suave da brisa.

No poema gesto de afeto,
Comunicando aos leitores.
Mesmo fazendo manifesto,
Clama momentos de amores.

Ser poeta é ser guerreiro,
Neste mundo em que vivemos.
Mesmo no sonho derradeiro,
Na poesia, um dia, morreremos.

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FRANCISCO DE ASSIS FER-
RAZ DE MELLO**

Cadeira nº 26 - Patrono: Nelson Camponês do Brasil

O rio Piracicaba de ontem

Podeis imaginar que há séculos atrás
Aqui, por onde passa um rio poluído,
– Fantasma do que foi – faminto, prostituído,
Descia um rio forte, atlético, tenaz?

Podeis imaginar que aqui um rio audaz
Corria flamejante, altivo, destemido,
Rompendo a verde mata, violento, aguerrido
– Motivo de epopeias de guerra e de paz?

No salto era feroz, rebentava em cascata.
Então, a índia virgem, a filha da mata,
Chegava até ali para beijar-lhe o pé.

Outras vezes rolava bufando, estridente,
Acordando na taba o paiaguá valente
Que, transido de medo, corria ao pajé.

Ah!... Se pudesse!

Quando eu era criança eu queria
Ser mocinho, usar calças compridas,
Passear, ir a festas, cinema.
Ah!... um mocinho... poder namorar.

Juventude! Passeei, fui ao cine,
Namorei e até me casei.
Realizei o que quis, e ainda mais.

Ansiei por adulto tornar-me,
Trabalhar igualzinho meu pai.

E a idade de adulto chegou.
Trabalhei, trabalhei, trabalhei.
Conquistei experiência de vida
E a cabeça entupi de estudar.

Tudo isso cansou-me demais
Quis ser velho, poder descansar.

E a velhice chegou num repente
Me dizendo mãe: – és um sábio.

Mas agora, o saber me aborrece.
Se voltar ao passado pudesse...
– Ser criança ou mocinho outra vez
E ficar por aí novamente -
Que delícia de sonho, meu Deus!

Os gatos tibetanos (*)

Naquela casa amarela
viveram dois seres humanos
– Um velhinho e a companheira –
Mais dois gatos tibetanos.

Os filhos que ali moravam
– Dois meninos do casal –
Há muito foram-se embora.
Levou-os vento do mal.

Os velhos ficaram sós
Naquela casa amarela.
A velha a chorar de dores
E o velho cuidando dela.

Ninguém mais vai ao local
Há muitos anos de anos.
Fugiram dela os amigos,
Menos os dois tibetanos.

(*) Para Noedy Percin e Marly T. G. Percin, meus prezados amigos.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA

Cadeira nº 27 - Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

Animais da fauna brasileira ameaçados de extinção

Enquanto a população humana aumenta para quase 5 bilhões de indivíduos, muitas espécies de animais estão se aproximando da extinção. A partir do ano 1.600, cerca de 120 espécies de mamíferos e 150 de aves foram extintas. Atualmente, pelo menos mais 120 espécies de mamíferos e 187 espécies de aves estão ameaçadas de terem o mesmo fim.

As causas podem ser diversas, tais como: a) incapacidade de adaptar-se às mudanças do ambiente; b) caça e pesca indiscriminadas; c) tráfico ilegal de animais; d) destruição ou perturbação do ambiente pelo homem, através do aumento das áreas urbanas e suburbanas e dos campos de culturas e pastagens; e) ação de predadores e de doenças; f) poluição.

O maior responsável pela extinção de espécies animais é o próprio homem, que modifica o ambiente natural. A Mata Atlântica, por exemplo, atualmente está reduzida a 7% da sua área original.

No mundo, animais como a baleia-azul, o tigre-de-Bengala, o urso-panda, o rinoceronte, estão ameaçados de extinção.

No Brasil, a lista organizada pelo IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, relaciona 202 espécies com risco de extinção. Como exemplos podem ser citados:

1. Arara-azul. Ave encontrada nos ramos da Bahia. Apreciada por sua plumagem.

2. Ariranha. Espécie de lontra que habita os rios da Amazônia. A caça para obtenção de sua valiosíssima pele causou a sua extinção na Venezuela e põe em perigo no Peru e no Brasil.

3. Codorna. Ave encontrada nos campos e cerrados. Caçada por sua carne.

4. Guará ou cachorro-do-mato. Vive nas matas.

5. Inhambu. Ave que habita as matas e capoeiras. Caçada por sua carne.

6. Jacaré-açu. Encontrado nos rios e lagos da Amazônia. Caçado por sua pele.

7. Jaguaririca. Habitante das matas e regiões pantanosas. Caçada por sua pele.

8. Mico-leão-dourado. Habitante da Mata Atlântica, alvo de tráfico ilegal.

9. Macuco. Ave que habita as matas e capoeiras. Caçado por sua carne.

10. Onça-pintada. Felino encontrado nas matas. Caçada por sua pele.

11. Peixe-boi. Mamífero aquático que vive nos rios da Amazônia. Caçado por sua carne.

12. Perdiz. Ave encontrada nos campos e cerrados. Caçada por sua carne.

13. Tamanduá-bandeira. Encontrado nos campos e cerrados.

14. Tartaruga-verde. Habitante da faixa litorânea. Caçada por sua carne.

15. Tatu-canastra. Animal fossador que habita as matas. Caçado por sua carne.

16. Veado-campeiro. Encontrado nos campos e cerrados. Caçado por sua carne.

A solução do problema requer, entre outras medidas, a criação de reservas naturais e legislação protetora dos animais ameaçados de extinção.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GREGÓRIO MARCHIORI NETTO

Cadeira nº 28 - Patrono: Delfim Ferreira da Rocha Neto

Saudação

Tarefa difícil e árdua, porém honrosa e prazerosa, é a incumbência a mim dada pelos meus pares, membros do Conselho Coordenador das Entidades Cíveis de Piracicaba, de hoje representá-los nesta solenidade.

Há pouco mais de 50 anos, três ilustres Piracicabanos – Piracicabanos com “P” maiúsculo – idealizaram uma entidade para auscultar e verificar as necessidades principais do Município de Piracicaba e de sua laboriosa população.

Os três homens foram “Os idealizadores”: Fortunato Losso Netto, Alcides Di Paravicini Torres e Phillippe Westin Cabral de Vasconcellos.

Três homens notáveis que reuniram 33 entidades de atuações profissionais e sociais variadas, que em 24 de abril de 1956, no Clube Coronel Barbosa, fundaram o hoje cinquentenário Conselho Coordenador das Entidades Cíveis de Piracicaba.

O objetivo estatutário era, e continua sendo, trabalhar em prol da melhoria de vida dos habitantes de Piracicaba e manter preservada a base territorial do município, impedindo a exploração deletéria e conservando seus recursos naturais e a tão exuberante biodiversidade, tão cantada, como encantada.

Os três idealizadores reuniram entidades que possuíssem em seu bojo homens valorosos, com reconhecimento técnico, científico e social, além de ter amor insofismável pela nossa terra e nossa população.

Homens representantes das mais diversificadas entidades que incorporam o Conselho Coordenador, homens de ontem e de hoje, eu os saúdo, a cada um, por sua dedicação e entusiasmo que voluntária e graciosamente empenharam-se e empenham-se para

o bem-estar da população piracicabana e da conservação da beleza desta terra em que vivemos.

Homens com espírito das mais nobres águias, que observam o nosso território incessantemente, ora para protegê-lo de ratos e serpentes, ora para com seus olhos penetrantes ver, além dos horizontes azulados, os valores que podem ser para cá trazidos, carreados e implantados para o desenvolvimento cada vez mais acelerado do nosso rincão, em prol da melhoria da nossa sociedade.

Visão dos três idealizadores do nosso profícuo Conselho Coordenador, homens de inteligência, cultura e sabedoria, que até hoje são reverenciados por benefícios feitos e por suas exemplares personalidades.

Homens como Raul Coury, que teve a coragem de alicerçar o Conselho Coordenador para poder agir em prol da terra onde vivia, e vive até hoje. Homens com denoto e persistência, como Ermor Zambello, que dedicaram mais da metade de suas vidas construindo através do Conselho Coordenador, contribuindo para uma Piracicaba melhor.

Homens intrépidos, audazes, que deram suas forças, suas inteligências, seus conhecimentos, seus suores e suas lágrimas, sem desejarem receber nada em troca de seu valioso empenho, senão a alegria de dever do ideal realizado para a satisfação da nossa população.

No nosso Conselho os homens são maioria.

Mas há também mulheres notáveis! Mulheres valentes, aguerridas, que pelo seu desempenho e pujança se destacam e se tornaram até presidente. São os casos da marcante personalidade de Adeli Bacchi e de Cecília Soares. Destacados exemplos para a nossa sociedade. Parabéns a ambas.

Muitas das nossas proposições alcançaram êxito. Mais da metade das 400 proposições foram realizadas.

Nosso ideal foi satisfeito!

Mais e melhores escolas, mais universidades, mais postos de saúde, mais cultura, mais lazer, comunicação.

Novas e melhores estradas – Luiz de Queiroz, São Pedro, Rio Claro, Limeira, Tietê, a Rodovia do Açúcar, hoje Mario Dedin, outra proposição do decano dos conselheiros, o notável Ermor Zambello, no ano de 1972. A luta pela preservação e despoluição do maravilhoso rio Piracicaba. A luta contra o Projeto Cantareira e a

Usina Carioba II.

Nossas pugnas para trazeremos órgãos estaduais! Bombeiros, Polícia Militar e sua escola etc. Nossas últimas lutas para trazeremos órgãos federais, como a Receita Federal, Justiça Federal, Polícia Federal etc.

Sem falar de nossa contribuição na vinda de grandes empresas estaduais, nacionais e internacionais, Caterpillar e outras tantas.

Nossa contribuição, das mais preciosas e honrosas, para a implantação e legalização do Projeto Piracicaba 2010, hoje modelo para outras cidades.

O Piracicaba 2010 conta hoje com dezenas de grupos de trabalho e com mais de mil ardorosos participantes que contribuem com seus conhecimentos e trabalho para o bem de Piracicaba.

Tudo para uma Piracicaba maior, mais forte, melhor.

O Conselho Coordenador nunca agiu só – sempre contou com a imprescindível ajuda da mídia – Jornal de Piracicaba, Tribuna Piracicabana, Gazeta Regional e recentemente da Gazeta de Piracicaba.

Também as Rádios, que sempre estiveram à disposição dos piracicabanos; inclusive da TV Beira Rio.

Mas devemos carinhoso agradecimento em especial à ACIPI (Associação Comercial e Industrial de Piracicaba), assim como à Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Piracicaba, ao Clube Coronel Barbosa e Clube Cristóvão Colombo, e também à Academia Piracicabana de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – por nos abrigarem, pois nos ofereceram sempre um local para nossas reuniões. Obrigado pela gentil acolhida.

O Conselho Coordenador, em sua existência, abrigou como conselheiros representantes das mais diversas entidades, como: dos Engenheiros, dos Médicos, dos Advogados, dos Dentistas, dos Favelados, diversos Lions, Rotarys, Lojas maçônicas, ACIPI, CDL, vários Sindicatos e Associações de Empregados, Empregadores, Clubes sociais etc.

Praticamente todas as entidades mais expressivas. Teve também participantes de órgãos do Município, do Estado e do Governo Federal.

O Conselho Coordenador sempre agiu com formalidade quando necessário, porém sem burocracia.

Sempre levou aos Governos Municipal, Estadual e Federal suas reivindicações, instando-os a atenderem, com presteza e qualidade, os anseios da população piracicabana, quer sociais, quer materiais, da terra, da água e do ar atmosférico.

Até na política o Conselho Coordenador colaborou com os municípios, pois hoje temos dois deputados estaduais e dois federais, para atender o município na esfera legislativa.

Neste momento queremos agradecer o trabalho gratificante e honroso dos membros do Conselho Coordenador e também a cooperação dos governos para a concretização das propostas deste Conselho, as quais serviram para engrandecer o povo e o território de Piracicaba.

Peço aos Céus que Piracicaba continue tendo homens cooperativos como os membros do Conselho Coordenador.

Ó, Deus Criador, protegi o Município de Piracicaba!

Ó Cristo, dai forças ao Conselho Coordenador para continuar com seu ideal!

Ó, Nossa Senhora dos Prazeres, abençoi a nossa população!

Que a Cidadania, a Paz e o Progresso reinem em Piracicaba.

Obrigado!

Pro Piracicaba fiant maxima.

Cor unum pro Piracicaba.

Non ducetur, sed ducit Piracicaba.

(Discurso proferido na sessão solene de homenagem aos 50 anos de fundação do Conselho Coordenador das Entidades Cíveis de Piracicaba, realizada no salão nobre da Câmara Municipal de Piracicaba, no dia 25 de abril de 2006).

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GUSTAVO JACQUES DIAS
ALVIM**

Cadeira nº 29 - Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

Ainda há esperança

“Quero trazer à memória o que me pode dar esperança”

(Lamentações 3:21).

Lembrei-me das palavras ditas pelo profeta Jeremias, acima transcritas, quando estava buscando um tema para este artigo. Muito triste, ele escreveu esse livro bíblico, em forma de poemas, para lamentar a desolação de Jerusalém, os sofrimentos do povo depois de atacado e cercado pelo exército babilônico e registrar a iniquidade daquela gente. Mas o profeta, também consciente da misericórdia divina, da bondade e da fidelidade de Deus, quer ter lembranças que lhe deem esperança.

Hoje estou me sentindo como Jeremias. Não quero que minha mente seja ocupada com coisas ruins, sentimentos negativos. Não estou interessado em pensar no Brasil de nossos dias, conspurcado pela corrupção, pela mentira, pela trapaça, pelo engodo. Quero, sim, trazer à minha memória, a exemplo do desejo manifestado pelo profeta, o que me pode dar esperança.

E o que me pode dar esperanças? No dia sete de setembro, resolvi, depois de muitos anos ausente, assistir de corpo presente, em plena Rua Governador, o desfile realizado aqui em Piracicaba. Foi uma volta ao passado, pois me lembrei de tempos idos, quando participei de passeatas vestindo o uniforme do Colégio Piracicabano, do Instituto de Educação Sud Mennucci e do garboso Tiro de Guerra. Vibrei com as fanfarras, que me fizeram recordar da excelente banda da então Escola Industrial e tantas outras. E ali fiquei, cerca de mais de duas horas, em pé, sob o sol, apreciando a passagem de tropas militares, escolas de diversos níveis, ONGs, instituições

sociais, igrejas, sindicatos, grupo de escoteiros e lobinhos, com seus uniformes, suas cores, seus símbolos, suas evoluções e suas mensagens, ao som alegre de bandas e fanfarras. Eram crianças, jovens, mulheres e homens, mestres e instrutores, gente de todos os níveis sociais, que tinham algo em comum: garbo, alegria, esperança. Muitos eram voluntários. Algo emocionante.

Renovei minha esperança em nosso país. E ela foi crescendo à medida que eu lia as mensagens expostas pelas escolas. Apontavam problemas como a desigualdade, a injustiça, a fome, o analfabetismo, a miséria, as doenças, a corrupção, a agressão ao meio ambiente, mas também indicavam caminhos. Lembravam sentimentos nobres como a solidariedade, o amor, a justiça, a paz, a tolerância, a amizade, o respeito ao direito de todos. Virtudes foram exaltadas. O não às drogas e vícios, o alerta para as consequências da devastação da natureza, com apelos para preservarmos as árvores e os mananciais, conservarmos limpos os rios, fazermos bom uso da água, reciclarmos o lixo, cultivarmos plantas e hortaliças, cuidarmos dos animais, sobretudo aqueles em extinção, sem esquecermos da correta administração de bens públicos e da honesta aplicação da justiça.

Ainda há esperança. A educação pode fazer a diferença. E a escola já está buscando fazer a sua parte. As crianças estão sendo preparadas para serem construtoras de um novo mundo, um mundo melhor, em que os valores positivos tenham o seu lugar. É preciso que o governo também acredite nisso e canalize para a educação recursos que estão sendo malbaratados ou escandalosamente desviados dos cofres públicos para dutos que os levam para uso reprováveis e escusos. É preciso que o cidadão, a família e a sociedade creiam que a educação é capaz de fazer mudanças, mesmo que leve duas ou mais gerações.

Ainda há esperança. Creiam nisso.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO HOMERO ANÉFALOS
Cadeira n° 30 - Patrono: Jorge Anéfalos

O crime de roubar matando

O latrocínio – Esta é a expressão usada para se designar a forma mais grave de roubo. É o crime de “matar para roubar” ou “roubar matando”, no dizer do eminente mestre Bento de Faria. É o crime mais sério que um indivíduo pode praticar, podendo ser enquadrado no art. 157 § 3º do atual Código Penal, sujeito a pena de até 30 anos de reclusão, ou então, conforme o caso, ser incurso no art. 27 § único ou 28 § único da Lei de Segurança Nacional (Decreto-Lei n° 898 de 29/9/1969), com pena de prisão perpétua, em grau mínimo, e morte em grau máximo.

É interessante salientar que a expressão latrocínio não se acha expressa no atual Código Penal, porém, tal denominação já se encontrava no Código de 1890, no seu art. 317. Aliás, no Código Penal previsto para vigorar futuramente, o termo latrocínio volta a ser utilizado, achando-se previsto no § 3º do art. 168.

A caracterização do latrocínio – O crime em questão caracteriza-se quando o agente, para praticar o roubo ou assegurar a impunidade do crime ou a detenção da coisa furtada, produz dolosamente a morte de alguém. É conveniente ressaltar também que será irrelevante o fato de a lesão patrimonial deixar de consumir-se. O que interessa no caso é que o marginal emprega a violência com a intenção de roubar e, se não conseguir o produto do crime (dinheiro, joias ou outros bens da vítima), o latrocínio se consuma da mesma forma.

Outro ponto interessante a ser destacado é o de que para caracterizar-se o latrocínio tanto faz o agente retirar os bens da vítima antes ou depois de sua morte.

Convém notar ainda que, o crime em tela igualmente se configurará se o ladrão-homicida subtrair os bens da vítima em benefí-

cio próprio ou de terceiro.

Para melhor entendimento sobre o assunto, cumpre não confundir o art. 121 § 2º inciso V do atual Código Penal com o art. 157 § 3º desse mesmo Código Penal, ou então, não se equivocar o art. 121 § 2º inciso V do futuro Código Penal com o art. 168 § 3º também do futuro Código Penal, como aplicáveis também ao caso de latrocínio, pois que enquadra este crime (art. 157 § 3º C. P. atual e art. 168 § 3º futuro C. P.) é de caráter inegavelmente específico e determinado, pois fala sobre a morte e roubo, aquele (art. 121 § 2º inciso V do atual e do futuro C. P.), diz respeito a crime manifestamente genérico e indeterminado, isto é, a outro crime.

Julgamento de autor de latrocínio – É conveniente esclarecer que o homicida e ladrão, em face do crime praticado, não será levado ao Tribunal do Júri para julgamento, mas sim ao Juízo Singular, ou seja, ao MM. Juiz da causa que, com base nas provas colhidas e constantes dos autos, após ampla defesa, julgará o marginal. Note-se que a pena privativa de liberdade será dosada pelo Magistrado Togado, levando em conta os antecedentes do réu e sua atitude de insensibilidade, indiferença ou arrependimento após o crime, sua personalidade, a intensidade do dolo, os meios empregados, o modo de execução, as circunstâncias de tempo e lugar e a gravidade do crime praticado, de conformidade com o art. 42 do atual Código Penal. O Magistrado levará em consideração, para a fixação da pena, as circunstâncias agravantes previstas no art. 44 do atual C. P. e art. 56 do futuro C. P. e as atenuantes pronunciadas no art. 48 do atual Código Penal.

As provas do crime – Em se tratando de crime tão grave, é evidente que todas as precauções devem ser tomadas para que o local se apresente preservado para a realização do exame pericial. Através deste exame é que todas as provas materiais são colhidas, servindo para a caracterização do corpo de delito e a base do processo crime contra o delinquente. Saliente-se, pois, que a perícia técnica no local do crime e no cadáver é “conditio sine qua non”, conforme determina o art. 158 do atual Código de Processo Penal. Sem dúvida alguma, o Perito deverá possuir bons conhecimentos de Criminalística, além de estar psicologicamente preparado para realizar perícia num local dessa natureza. Toda a atenção do perito deve

ficar voltada para o local e não se deixando influir emocionalmente, a fim de não prejudicar as verificações necessárias.

A vítima e os vestígios no local – O perito deve ter como normas a mais detalhada e minuciosa observação do local e cuidadosa interpretação dos vestígios ali existentes. Dessa forma, tornar-se-á possível encontrar no local, por exemplo:

- a) sinais de luta, tanto na vítima como no local;
- b) pegadas de pés calçados ou descalços;
- c) prováveis trajetos percorridos por vítima e réu;
- d) sinais de estar o criminoso de tocaia;
- e) manchas, pingos e respingos de sangue da vítima, do agressor ou de ambos;
- f) região do corpo que sofreu o ferimento;
- g) a altura aproximada que caíra o sangue ao piso;
- h) marcas de pneumáticos, que podem indicar qual o tipo de veículo (caminhão, automóvel, camioneta etc.) utilizado ou relacionado com o fato em apreço;
- i) o tipo de instrumento empregado para a consumação do crime (se punhal, revólver, barra de ferro ou outro instrumento adequado para um objetivo criminoso);
- j) e outros vestígios interessantes que serão sempre analisados.

A par de tantos vestígios importantes, poderá o Perito Criminal encontrar, no próprio local do acontecimento: o corpo da vítima, sem vida, apresentando-se com violência física, como por exemplo, um ferimento de contorno circular, de bordas deprimidas, tido como orifício de entrada, localizado na cabeça, produzida por projétil de arma de fogo, comumente conhecida como “bala”, com suas vestes indicando luta e com sinais evidentes de as mesmas vestes terem sido revistadas, com presunção de ter havido subtração de valores. Nesta hipótese, é comum encontrar-se os forros dos bolsos da calça e do paletó para fora, indicando busca.

Quando se tratar de local fechado, como casa residencial, por exemplo, podem-se encontrar as gavetas dos móveis abertas, com os seus conteúdos revolvidos e parcialmente esparsos pelo piso, evidenciando procura de valores.

É de se notar que, conforme o caso concreto e o tipo de mediantes, poderá ocorrer a abertura de cofre-forte. Neste caso, verifica-

se se houve emprego de violência ou não para a sua abertura, inclusive a violação no seu interior.

Por outro lado, é de bom alvitre mencionar a grande importância da pesquisa de impressões dígito-papilares em todas as peças e objetos, com a finalidade de se provar a presença de certas pessoas no local do crime, bem como do ladrão-assassino.

Opinião proposta – O latrocínio apresenta-se como crime patrimonial complexo, pois é constituído dos crimes de furto e homicídio, porém autônomo e independente para a devida apreciação. Frise-se, portanto, que se alguém mata e furta não comete dois crimes, mas apenas um, o de latrocínio.

Cumpra esclarecer também que tal crime não é da competência do Tribunal do Júri, como a princípio se pode entender, em virtude da ocorrência de morte. O réu é julgado por Juiz Togado (Juiz de carreira) após analisar todas as provas dos autos, tanto as provas materiais ou objetivas, como as provas subjetivas ou informativas. Aliás, o Magistrado que sentencia o réu de crime dessa natureza é, em última análise, um técnico em leis, com conhecimentos profundos de psicologia humana.

Para maiores esclarecimentos sobre o assunto, lembramos que o art. 74 § 1º do atual Código de Processo Penal, que enumera os crimes da competência do Tribunal do Júri, exclui o crime de latrocínio de sua apreciação. No que tange à Constituição Federal atual, observa-se que o seu art. 153 § 18 fala sobre julgamento de crime doloso contra a vida pelo Tribunal do Júri, porém, referindo-se aos crimes previstos no Título I do Código Penal. Sendo o latrocínio considerado crime patrimonial, fica excluído dessa apreciação.

É evidente que não poderíamos olvidar a figura do DD. Representante do Ministério Público, que representa a segurança e a certeza de que todos os trabalhos serão desenvolvidos convenientemente contra os infratores da lei, considerados elementos de alta periculosidade, inclusive pela tendência de continuarem a delinquir.

Na atualidade, o crime de roubar matando apresenta-se como um cancro em desenvolvimento, praticado por marginais comuns e até por quadrilhas bem estruturadas, com armamentos poderosos, até iguais ou superiores aos das forças armadas do país, quadrilhas estas principalmente ligadas à exploração e fornecimento de substâncias tóxicas, proibidas por lei, como a maconha, a cocaína e inú-

meras outras.

As quadrilhas, face às estruturas e informações que possuem, costumam assaltar empresas as mais variadas, estabelecimentos bancários, carros-fortes e até estabelecimentos prisionais para libertação de presos e apoderamento de armas da polícia ou outras atividades mais diversas.

Sob todos os ângulos, espera-se as ações governamentais do país, dos estados e dos municípios, para enfrentamento e solução deste gravíssimo problema, que tanto aflige o país.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO HUGO PEDRO CARRADORE
Cadeira nº 32 - Patrono: Thales Castanho de Andrade

Mensagem para o futuro - Admirável Mundo Novo

As lágrimas já secaram de tanto esperar.
Rindo e depois chorando,
no túmulo dos desenganos
as esperanças foram sepultadas,
depois de tanto esperar.

Mas em alguma parte, haverá um mundo sem espera.
Uma nova ordem:
ordem liberdade,
ordem de amar,
ordem de solidariedade,
ordem de sonhar,
ordem de igualdade...
Um mundo onde não se pregará revolução,
onde as crianças viverão infância sem bombas,
onde haverá perdão,
onde não se falará com ódio,
onde haverá paz n'alma e no coração.

Haverá um mundo cheio de praças,
emolduradas de namorados.
Praças
cheias de crianças,
sem homens desocupados.

Este será o mundo novo,
onde as vozes não serão murmúrios,
onde as praças serão do povo,
onde a liberdade não estará disfarçada,
e os poetas poderão fazer versos
sem falar em misérias e não serão vazios
porque nada poderá conter vazios,
sem olhos vazios,

estômagos vazios,
corações vazios,
mentes vazias,
vidas vazias...

Haverá um mundo,
onde os negros serão negros,
mas terão um futuro branco nesse mundo;
porque os brancos não serão diferentes dos negros.
Neste mundo poder-se-á cantar
sem ganhar;
rir,
por querer;
ter, sem pedir:
haver, sem condicionar:
amar,
sem temer;
não apenas existir,
mas, realmente, ser.
Este será o mundo novo.
Mundo em que todos serão povo.

Mundo em que se poderá encontrar o amor,
sem homens pervertidos pela perversão,
sem crianças com fome de pão
e de alfabetização.
Mundo sem dor;
sem mulheres da vida,
mortas em vida.
Mundo sem sangue e guerras,
sem arames farpados,
onde se cobrirão de verde as terras,
e os camponeses não serão esfarrapados,
onde não se poderá ver
tanta gente sofrer,
onde os dias
não serão como as noites,
e as noites
serão claras como os dias,
onde os seios serão coletivos, sem nome
para que não morram mais crianças de fome.

Neste mundo a verdade não terá pudor,
e aparecerá nua diante dos olhos de todos.
A juventude e os pássaros serão livres,
e no lugar de cada cadeia se erguerá uma escola.

Um mundo de homens livres,
porque a liberdade se agasalhou no coração do povo,
neste admirável MUNDO NOVO.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE
NEGRI**

Cadeira n° 33 - Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

Mulher Água

São tantas as águas,
suadas, choradas
mornas, salgadas,
frias, adocicadas
Todas sagradas.

Águas amnióticas
envolvendo a semente,
alimentando a vida
ainda dormente.

Águas-lágrimas,
de dor, de alegria,
de pura emoção!
Rios brotados
direto do coração.

Águas rubras,
espessas, grumosas,
pacto de sangue
a fluir todo mês.

Águas doces,
leitosas, branquinhas
brotando dos seios,
pingando macias
em ávidas boquinhas.

Águas porejadas,
destiladas, salgadas,
suores voláteis
da lida diária.

Mulher-cachoeira
Mulher-oceano
Vertendo rios, lagos, mares...
Águas de sedução,
jorrando amor
Mulher-água,
fonte da vida!

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO BAPTISTA DE SOUZA
NEGREIROS ATHAYDE**

Cadeira nº 34 - Patrono: Adriano Nogueira

Prefácio a um poema

Parece estranho pretender-se prefaciara um Poema, principalmente quando se sabe que a Poesia é completa em si mesma, a dispensar qualquer outra espécie de manifestação que se intente fazer, ainda que à guisa de explicação.

A Poesia é, na verdade, o suprasumo da Arte Literária, visto ter o poder de condensar, através da síntese e da metáfora, todo o pensamento que move a sua construção, culminando por materializar no Poema não só o pensamento de seu criador, mas também sua visão de mundo e, principalmente, a inquietação de seu espírito, que parece ser a marca registrada do artista.

A Poesia de verdade quer a palavra certa e insubstituível, colocada na exata dimensão do pensamento criador, capaz de plantar a força e o colorido da imagem na seara fértil do compasso dos Versos. Não descreve a imagem, nem o pensamento, nem a intenção: trá-los prontos e vigorosos, envolvidos na musicalidade imperceptível da Estrofe.

Por isso a Poesia fala ao espírito de forma tão marcante e duradoura, justamente por conter na síntese da imagem e no encanto cadenciado do Verso, todo o universo da alma do artista, sempre encharcada de Sentimento.

Por isso deixa sempre vestígios no espírito dos que apenas a leem, e mais ainda no daqueles que procuram entendê-la. Por isso pode moldar caracteres. Por isso pode transformar universos. Por isso a Poesia não pode ser, sempre e, apenas, diletante. Impõe-se-lhe o compromisso e o envolvimento.

Há de ser universal, como universal é aquela inquietação que assola, diuturnamente, a alma do Poeta, que tem escancaradas as ja-

nelas de sua alma, como que para absorver não só a beleza do amor, das cores, dos sons, das alegrias da vida, transformando-os em cantos sublimes, mas também, e principalmente, para sentir as dores imensas e tantas do mundo e das coisas, as angústias das injustiças e os pesares da morte, e transformá-los em sentidas elegias, em gritos de guerra ou hinos de esperança.

Tal é o destino do Poeta. Tal é o ideal da Poesia. Por isso impende que o Poema seja, também

POEMA

I

Mais que um canto de doçura
É preciso que a poesia
seja o látigo implacável
vergastando a hipocrisia

Mais que murmúrio suave
lembrando amores doridos
Melhor que a poesia seja
o hino dos excluídos

Mais que frases leves, soltas
em metáforas douradas
seja a poesia o retrato
das misérias disfarçadas

É preciso que a poesia
Seja nas ruas forjada
Que venha da massa informe
Eternamente enganada

II

É muito mais! É preciso
Seja a poesia a fornalha
onde possam consumir-se
o vil, o infame, o canalha

Onde caibam de mãos dadas
os traidores da raça
esses borrões que nodoam
a tela nobre da massa

Onde calcinem ao fogo
os mercadores do vício
os que corrompem valores
militando em torpe officio

O mentiroso, o hipócrita
sejam também atirados
na mesma lava em que ardem
políticos alugados

Corruptores, corruptos
que se vendem a granel
sejam vertidos às chamas
purificando o labéu

Os que fazem de seus cargos
balcão p'ra vender favores
transformando esta nação
num circo enorme de horrores

Os que fazem do poder
um lupanar de desgraças
fabricando miseráveis
abandonados nas praças

Os que toldam seus mandatos
com o véu da impunidade
e barganham sua honra
pelos brilhos da vaidade

Para esses celerados
Estadistas de brinquedo
seja a poesia a vergasta
nas mãos do povo sem medo

III

Cada verso seja o raio
e o estridor da tempestade
sobre as cabeças caindo
o crime e a infâmia punindo
na fornalha da verdade

Cada estrofe seja a lança
nas mãos do poeta enristada
trazendo na aguda ponta
a dura e feroz afronta
ao perverso destinada

Cada rima leve ao torpe
angústia, remorso e dor
curvando-lhe a fronte impura
ao peso atroz da censura
da turba irada ao furor

Cada poema semeie
o joio da maldição
sobre o trigal das vaidades
onde medram nulidades
enterrando uma nação

IV

Que a poesia seja a espada
e a lava, e o fogo e o cinzel
moldando num tempo novo
nova história para um povo
novo mundo e novo céu.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO UMBERTO NASSIF
Cadeira nº 35 - Patrono: Prudente José de Moraes

O colecionador de frases

Antonio Castro, mais conhecido como Castrinho, aos sete anos de idade passou a atuar como coroinha, ajudando na celebração da santa missa. Ficou fascinado com a missa em latim. O primeiro trecho que procurou traduzir, com a ajuda do Padre Bento foi Kyrie Eleison.

Do latim,

KYRIE ELEISON

Kyrie eléison. Kyrie eléison. Kyrie eléison.

Christe eléison. Christe eléison. Christe eléison.

Kyrie eléison. Kyrie eléison. Kyrie eléison

Traduziu para o português:

KYRIE (PERDÃO)

Senhor, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

Cristo, tende piedade de nós.

Cristo, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

A satisfação de conhecer o significado das palavras que estava falando dava-lhe um enorme prazer, e também certa superioridade junto aos colegas coroinhas, que a princípio estranharam o fato de aquele menino da idade deles saber latim. Uma mistura de ciúmes e fascínio pelo conhecimento do coleguinha. Certo dia Castrinho viu a frase "Alea Jacta Est" (a sorte está lançada), encantou-se com ela e sua tradução. Passou a usá-la em voz alta após entregar cada prova escolar ao mestre. Embora não fosse propriamente um aluno aplicado, suas notas sempre foram razoáveis, e aquelas palavras estranhas aos outros alunos parecia uma fórmula mágica para atrair boas notas. A classe toda repetia a mesma frase ao entregar suas provas ao

professor. Castrinho tinha se tornado um líder. Logo foi eleito representante da classe junto à diretoria da escola. Era ele quem falava em nome dos alunos nos dias solenes. Castrinho cresceu, tornou-se um rapaz que deixava as garotas entusiasmadas por ele. Praticava esportes, futebol, natação, chegou a ganhar medalhas como jogador de basquete do time da escola. Prestou vestibular e foi cursar Direito durante o dia e Publicidade a noite. Castrinho, embora tivesse tudo para ser vaidoso e pedante, tratava a todos com a mesma deferência. Do porteiro ao diretor da escola. Isso o tornava popular e muito estimado. Gostava de namorar, de sair nas baladas, viajar quando entrava em férias. Através de intercâmbio internacional de estudantes, morou no exterior. Viajou pelos albergues da Europa. Castrinho passou a ser um colecionador compulsivo de adágios. Anotava todos e transcrevia-os para seu computador. Era fascinado por frases feitas, sem questionar a origem. Com o tempo, passou a usá-las, com o maior cuidado para não causar o efeito contrário: ser um chato. No momento em que ouviu a famosa frase “Não pergunte o que seu país pode fazer por você. Pergunte o que você pode fazer por seu país”, atribuída a John F. Kennedy, Castrinho tomou a decisão da sua vida: seguiria a carreira política, queria salvar a humanidade da miséria e injustiças. Surgiu nesse instante um novo Dom Quixote. As frases de efeito seriam o seu Sancho Pança. Filiou-se a um partido político, uma legenda que não exigia uma votação estrondosa. Quando estava só em sua casa, ficava diante do espelho do seu quarto e ensaiava gestos, palavras, expressões faciais. Auxiliado pelo seu partido político passou a visitar comunidades de bairro, conhecer lideranças. O público feminino delirava em ter aquele quase artista de novela ali, presente. O público masculino ficava hipnotizado com as falas sábias de um jovem, de origem abastada, dedicando-se à nobre causa de lutar pelos mais necessitados. Era um sucesso total. Seus discursos eram aguardados ansiosamente. Primeiro citava os nomes mais conhecidos ali presentes. Tomava o cuidado de antes estudar quais eram as aspirações daquela comunidade. Se alguma obra pública não tinha sido realizada no tempo prometido, Castrinho soltava: “Não adianta dizer: ‘Estamos fazendo o melhor que podemos’. Temos que conseguir o que quer que seja necessário”. A plateia vibrava. Ele, então completava: “o pessimista vê dificuldade em cada oportunidade; o otimista vê oportunidade em cada dificuldade”. “A coragem é a primeira das qualidades humanas, porque é

a qualidade que garante as demais”. Era o clímax! Castrinho sentia que os ouvintes entravam em transe. Eram votos garantidos. Ele então encerrava dizendo: “Não há mal nenhum em mudar de opinião. Contanto que seja para melhor”. A turba, como nos circos romanos, gritava com toda força dos seus pulmões: “Castrinho...Castrinho... Castrinho...!”

Eleito vereador, deputado, governador, Castrinho passou para a fase máxima da sua carreira: candidato a Presidente da República.

Antônio (Tuta) Siqueira foi seu colega no curso de publicidade. Eram amigos, companheiros, e foi dele que partiu a grande ideia: todo eleitor ganharia um celular, se Castrinho fosse eleito iria buscar o chip. O mote da campanha era: “Fale bem pertinho com Castrinho”. Milhares de aparelhos ortodônticos foram distribuídos, sempre para a arcada inferior; se fosse eleito, o portador iria buscar a parte da arcada superior do aparelho. O mote da campanha era “Castrinho eleito, sorriso perfeito”. Camisetas com frases de autoajuda foram distribuídas, sempre com o nome do guru Castrinho.

O poema *Jabberwocky*, de autoria de Lewis Carroll (1832-1898), autor de “*Alice No País Das Maravilhas*” surpreendeu e encantou o mundo. Tinha palavras inventadas, alternadas com palavras já existentes. O poeta Augusto Campos tentou traduzir o poema para a língua portuguesa:

“Era briluz. As lesmolisas touvas. / Roldavam e relviam nos gramilvos./ Estavam mimsicais as pintalouvas/ E os momirratos davam grilvos”

“Retoando pela incerosa pradaria, lá vai o alazão, célico e alveloz.../ Volteje alazão! Volteje a anseria! (Nils Zen).

Para Castrinho foi o pote de ouro no fim do arco-íris! Castrinho passou a brincar com as palavras. Mastigarei! Se fosse sólido comê-lo-ia. Doa a quem doê-la. O primeiro pé nunca é esquecido. A Suíça é um mundo de faz-de-conta numerada. Esse Bamerindus...

Criou um vasto repertório usando a fórmula que o consagrou. Um de seus pronunciamentos:

“Trabalhadores do Brasil! Escravidarei relojoando, injetando adrenalina por força pancaditiva. Glândulas sudoríporas sideresforçais, forjabras em oleomintos, açonosso, petronosso de cada dia. Brasileiros e brasileiras! Big Brother da moedagem consumitiva,

fiscoespionai, tabelaço no acém como na abobrinha. Despejai folgosas abelhudas e marimbondos espadachins. Minha gente! O igual será diferente, gelomoedas para todos! Poupançadores, enfartem com suas economisérias. Veja o meu reflexo na amplitude dos seus olhos. Se lindo sou, lindo estou, qual cisnedindo em noiteluz. Neto de avô Doutor Honório Causa, conheci Alfa e Beto, e nada mais foi igual nunca antes na história desse país”.

Sendo interrompido pelos aplausos da enorme massa popular ensandecida, Castrinho é estadista consagrado dentro e fora do país. Emocionam-se com as suas palavras, acham-nas bonitas, ditas com convicção, embora poucos o entendam na sua língua mãe, os que se arriscaram a entender chegaram a neologismos e a um amontoado de palavras desconexas. Enlouquece os tradutores oficiais dos países que visita. Porém, todos reconhecem o seu incomparável talento para a oratória, troféu olímpico dos verdadeiros líderes.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI
Cadeira nº 36 - Patrona: Olívia Bianco

O Rio e o Mar

As ondas do mar irradiavam reflexos dourados da lua cheia. Tal clarão dava incentivo às águas do rio para o batismo no mar.

Em épocas passadas, esse momento era tenebroso para o rio; significava a ausência de aconchego das plantas nos barrancos dos riachos, o desapontamento de não usufruir com crianças, jovens e adultos as paradisíacas praias fluviais. Sua vontade era permanecer por mais tempo nesses locais, porém, isso nunca foi possível, desde que as águas do rio não podem parar e não retrocedem jamais.

Contudo, nos dias de hoje, ele não mais acalenta esses desejos; ao contrário, quer sua trajetória rápida, pois a paisagem ficou triste, desoladora. As matas ciliares foram devastadas, o leito onde se deleitava com os peixes moleques, fazendo-lhe cócegas, tornou-se viscoso, escuro e infunde medo e repugnância.

Está chegada a hora de ser arrebatado dessa paisagem lúgubre. Suas águas, agora aumentadas pela junção de outros rios, estão sendo arrebatadas pelo mar. A expectativa é de alegria, misto medo.

Mas, eis que, de repente, uma sensação de bem-estar o invade, ao ser recebido pelo mar com mensagens de boas-vindas. É com muita emoção que o mar saúda o Rio da Prata, formado por muitos irmãos, destacando-se de modo especial o Paraná, Tietê e um de nome indígena, Piracicaba. De imediato, o mar se simpaticizou com o nome deste último, e quis conhecer um pouco de sua história. Soube que, em algumas dezenas de anos passados, quando ocorriam constantes piracemas, peixes variados de pequeno, médio e até grande porte, tentavam subir as suas quedas d'água.

Porém, o que mais o impressionou foi saber que no Rio Piracicaba, tanto no passado, como nos tempos atuais, sempre aparece sobre suas águas, uma jovem noiva com um véu de brumas esvoaçantes, conhecida e querida por todos que habitam a cidade. É a

Noiva da Colina, que com seu alvo véu, apenas roça levemente as águas, nunca se entregando totalmente a elas. Por essa razão, muitos a chamam eterna noiva, pois ainda não desposou em definitivo o seu parceiro, o Rio Piracicaba.

Ouvindo com atenção o relato, o mar silenciou por instantes, solidarizando-se com esse caso de amor.

Já escureceu. No céu pincelado de estrelas, a lua cheia espia e sorri para o mar, emitindo raios de luz tão intensos, que a noite parece dia!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO LINO VITTI (PRÍNCIPE DOS POETAS PIRACICABANOS)

Cadeira n° 37 - Patrono: Sebastião Ferraz

A meu pai

Lado a lado, meu pai, nas andanças da vida,
mãos dadas com carinho e com grandioso amor,
umas vezes a estrada é uma senda florida,
muitas outras, porém, tem espinhos e dor.

Em você, caro pai, encontrei nesta lida
mil sonhos a cumprir, de luz um resplendor,
A todos conduziu, com nossa mãe querida,
a um porto bem seguro, a um porto salvador.

Que a idade não lhe seja um peso doloroso,
antes uma alegria, anseio realizado,
uma vitória em meio a este mar proceloso.

Eu lhe desejo, pai, tão extremoso e amado,
que o proteja o bom Deus, que é grande e poderoso,
que o conserve, feliz, por muito ao nosso lado.

Roça feliz

Fui ao campo. Fui ver o quanto é lindo
o imenso fulgurar de um sol de meio-dia.
Fui ver, em verde bando, as maritacas indo
em busca matinal do pão de cada dia.

Fui ver o lavrador, em suores, carpindo
enquanto o cafezal em alvuras fulgia.
Mas que ouço? São talvez os pássaros curtindo
o alvorecer da roça em árias, numa orgia?

Que vejo? O milharal embonecado e farto
em dourada promessa, em espigas risonho?
Além vejo o arrozal... Que passa? É um lagarto?

Meu Deus! Não é verdade isto que aqui componho,
é apenas a ilusão da qual, triste, me aparto...
A roça não é mais do que infundável sonho!

Indelével retrato

Quando menino, sensações de vulto
não tive, sensações próprias da idade
Sempre vivi desconhecido e oculto
longe do vão bulício da cidade

Fiz da vida campestre um quase culto
da natureza, quase divindade
E trago ainda (que felicidade!)
um coração silvestre em mim sepulto

Um dia precisei deixar meu ninho
trocar o seu calor e o seu carinho
por outras contingências do viver

Mas nem belas visões de outra paragem
puderam apagar a sua imagem
gravada tão profunda no meu ser.

Noites fantasmais

E disse Jeová: “façam-se as trevas com todos os seus astros”!
E assim se fez. As estrelas, a lua, os cometas, as constelações, enfeitaram as noites cósmicas, porque veio a Noite, larápia do Sol. E dentro

das noites do mundo formataram-se os fantasmas apavorantes, e os fantasmas povoaram a Terra, ora em forma de assombração, ora em forma de saci, ora em forma de mula-sem-cabeça, ordinariamente vagando pelas estradas desertas, aterrando povoados a dormitarem, assustando sitiocas e fazendas, assaltando taperas e santas cruzes das estradas.

O sertão ressuma fantasmas! Quanto mais a solidão se apodera das distâncias ignotas noturnais, mais presente se faz o enigmático personagem fantasmal. E cresce, cresce, avoluma-se, avoluma-se o medo agarrado ao homem do sertão. E o sertanejo que “é antes de tudo um forte”, como dizia o Euclides da Cunha, assassinado por amar sua consorte, diante das trevas de uma estrada encurralada dentro da noite, fica magrinho, fraquinho, reduzido, como um caniço de brejo. E a tese euclidiana perde toda a sua imponência afirmativa. Porque o caboclo treme, suja as calças, foge diante de um foco de luz que caminha pelas encostas, ou se move pelos vales rurais, ou se do seio misterioso da mata o urutau solta a sua gargalhada fantástica! E não só o caboclo, mas qualquer viajante deste universo, more no sertão ou viva na urbe, sói tremer e emporcalhar os fundilhos ao topar na escuridão soberana da noite uma bola de fogo movediça a esvoaçar pelo campo embrulhado pela cegueira da treva noturna.

* * *

O pedreiro-lavrador Jair, apesar de suas mãos honestamente calejadas pela rusticidade profissional, tinha uma cabeça cheia de fraseado literário adquirido por seu próprio esforço, conquistado pela leitura contínua e estudada de livros, almanaques, revistas e tudo quanto escrito lhe fosse cair nas mãos. E desse contato com as letras, alimentado pelo ambiente rural da sua vida, saliente observador dos fatos e pessoas, vivente inarredável das noites da roça, Jair acabou pintalgando muitas laudas de papel em branco, com a criatividade de seu lápis. Admiravam-no os conterrâneos, pois não é raro surgir, como silvestre flor de maracujá, por entre gente dos cafundós do Judas, uma inteligência privilegiada como a de nosso personagem.

Por outro lado, o Jesuíno da Silva, metido a intelectual daqueles sertões, não cansava de mexer com a literatice do quase vizinho Jair, e não se envergonhava de, às vezes, quando o pseudo-escritor

passava as noites longe da casa, pé-ante-pé, como um ladrão de terceira classe, ir bisbilhotar o “escritório” do amigo e contemporâneo, para desvendar que mistérios teria ele lançado nas rústicas folhas de papel sobre que vivia rabiscando, rabiscando, sabe-se lá o quê? E numa dessas aventureiras invasões ilegais, digamos assim, o Jesuíno descobriu uma breve mas gostosa história sobre um mistério que há muito tempo encucava a população do roceiro povoado. Lançou as mãos larápias sobre as laudas e, cautelosamente, sob a lamparina, foi depois colocar a sua curiosidade sobre o que poderia ter saído da cachola do companheiro e amigo.

E viu, ou melhor, leu. Leu o que era a solução de um velho mistério noturno que há muitos anos embatucava a população. Não fora essa revelação de Jair, cronista caipira do bairro, e ainda hoje perduraria ignoto o fato, talvez para sempre. A menos que aquelas páginas rabiscadas e quase ininteligíveis, não passassem de uma brincadeira do “genial escritor” pedreiro. E Jesuíno, assaltante de páginas cronísticas que jamais talvez viessem a lume, tornou-se um arauto delas e tornou possível que chegassem até nós. E o que teria descoberto o estranho ladrão de crônicas? Sigam o Jesuíno, concentrado, à luz da lamparina, na historiazinha encontrada nos papéis surripiados do pedreiro-escritor:

“UM CASO DE LOBISOMEM – O fato de acreditar depende de cada um de nós e todos temos o direito de crer ou não em alguma coisa. Muita gente afirma que lobisOMEM existe e até já viram com seus próprios olhos. Dizem que tem preferência pelas cocheiras e galinheiros, sempre à meia-noite, na sexta-feira, quando ele se transforma em lobo, cumpre o seu tempo, depois volta ao normal. Palavra de quem acredita. Aquelas pessoas que ouvem passos, barulhos, enxergam vultos e até conversam com os mortos. O mesmo acontece com os que veem lobisOMEM.

Na pequena comunidade havia algumas parteiras para servir a população e eram estas que faziam o atendimento das mulheres. Certa noite, numa sexta-feira, uma mulher estava para dar à luz e logicamente o marido procurou a parteira do povoado cujo nome era Minca, num sítio vizinho. Partiu Minca a bordo de um carrinho puxado por um animal.

A família atendida acreditava na existência do lobisOMEM e comentavam que todas as sextas-feiras era ouvido um barulho no galinheiro e seria o tal de lobisOMEM que atormentava as aves gali-

formes e sempre levava consigo uma ou duas delas.

Enquanto Minca aguardava a hora do desfecho, eis que surge o costumeiro barulho pelas bandas do galinheiro. A família, como sempre assustada, pediu à parteira que ficasse em silêncio pois era a hora do lobisomem. Esta, porém, abriu a porta de vez, saiu apressada e foi até o galinheiro. Aí fechou a portinhola da casa das galinhas pela tramela do lado de fora. E gritou surpresa para o lado da casa, onde se acotovelavam os donos do galinheiro: “venham, o lobisomem está preso”. Apavorados, todos se recusavam, mas Minca insistia até que os convenceu a chegar até lá. E à luz de um lampião, abriram a portinhola e lá estava, com a maior cara-de-pau, o famoso lobisomem. E sabem quem era?

Nada mais, nada menos, do que o carreiro da fazenda que em todas as sextas-feiras ia fazer sua féria, furtando as galinhas para saboreá-las no fim da semana. E esse foi mais um caso desvendado por Minca, e fez com que a família nunca mais acreditasse em coisas do outro mundo”.

Jesuino embasbacou diante do que lera no manuscrito “roubado” do amigo. E, como era também ferrenho crente dos mistérios fantasmais das noites roceiras, converteu-se. E hoje, se lhe perguntam o porquê dessa mudança fantástica, responde simplesmente: “cá o quê... Lobisomem é gente mesmo”...

Deslumbramento

Lino Vitti

Batizaram-no de Manuel. Ficou para a vida, depois, o simpático apelido de Manequi. Interessante como se penduricam apelidos nas pessoas. E como todos, pais, familiares, mestres, amigos e outros se unem em torno da alcunha, a repetem, a conservam, a eternizam. Assim, era Manequi daqui, Manequi dali, Manequi de cá, Manequi de acolá. E o Manequi sorria, um sorriso gostoso de quem aprova o nome que de batismo não é. Talvez porque, o Manuel, trazia aquele

diabo de hiato de mau gosto “ue”, tornando-o de certo modo anti-pático ao uso e meio mole de se pronunciar.

O menino, entretanto, cresceu como todos os meninos da roça, pois na roça havia nascido. Quem baixa a este mundo, em noite escura, arrancado das entranhas maternas por mãos de parteira amadora, já chega berrando, colocando em polvorosa a casa e as vizinhanças, com a força de seu choro valente e promissor. Manuel assim prometia, e mantinha, ao caminhar da vida roceira, a valentia necessária para uma existência difícil, sempre a exigir algo, como eram e são ainda as vidas que brotam, florescem e frutificam na liberdade do campo.

Não quero me deter, por exigências aprisionadoras dos espaços muito preciosos dos jornais de todo o mundo, em desfiar em detalhes os dias de infância do Manequi, em muito semelhante a de todos os meninos roceiros; não poderia deixar de dizer entretanto que o nosso herói nascera com um espírito de observação incomum, porquanto se os demais de sua idade e de origens assemelhadas não davam trela observativa aos fenômenos da natureza campesina, a alma de Manequi como que se deixava imantar pelas maravilhas de um amanhecer ou de um entardecer, de um dia de sol, de uma árvore frondosa, de um lavrador lutando de enxada à mão ou arando, de um temporal a toldar os horizontes natais, de uma floresta cheia de todos os arcanos vegetais e animais, de um plenilúnio seresteiro, de um regato a conversar com as ervas e as flores da mata espessa, enfim, de tudo quanto constitui as belezas, os encantos, o amor e o sonho de uma vida campestre.

E sonhava também. Sonhava com um mundo imenso, generoso, rico, feliz e fantástico que deveria existir e brilhar além dos limites de sua roça, como lhe faziam chegar aos ouvidos e ao seu mundo de fantasia, as conversas das visitas forasteiras, as aulas das professoras escolares, o noticiário radiofônico, e especialmente os livros sobre os quais muitas vezes e feito um poço de curiosidade se debruçava o garoto, sedento de conhecer e desejar um dia, quiçá (?), ver de perto, tocar com as mãos gulosas de esperanças e novidades.

Manequi sonhava muito, aliás. Além das fronteiras domésticas que se estendiam até onde os olhos curiosos podiam deduzir, era possível existirem grandes cidades, fabulosas cidades, novas terras, novos horizontes, novas gentes, novos e muitos lares, novos e muitos amigos! E como os desejava! Muitas vezes, na luminosidade do

dia, tocando as nuvens alvas e movediças, roncando como estranho animal voador, Manequi contemplava o voo metálico de um avião e vibrava com a ideia de que lá, nas alturas infinitas, dentro daquele pássaro de ferro, havia pessoas, pessoas que buscavam outras terras, outras gentes, outros horizontes. E invejava, e desejava, e batia palmas ao espetáculo, ansioso de um dia também voar aprisionado no seio da ave de aço que comia as distâncias espaciais como se nada fossem.

O meio-dia sufocava. A roça diluía-se sob a glória do sol. E o calor, e a hora, e o silêncio e tudo convidava para a sesta. Pássaros e bichos silvestres ou domésticos calaram seu canto e seu mugido, buscando a sombra e a tranquilidade. E o ronco do avião destoava como um absurdo, na imensidade azul do dia.

Ao longe, de súbito, o horizonte se abriu e se distendeu fantásticamente. E na fímbria do infinito foram se delineando, como um milagre, inúmeros arranha-céus. Subiam, subiam, quase arranhavam verdadeiramente o céu. Encostavam nas nuvens. E a festa das vidraças faiscava, tremeluzia, caleidoscopicamente, fantásticamente. E ele via. Manequi via. E a curiosidade do menino escorria por aquelas paredes intermináveis, rumo ao chão. E aqui fervilhavam veículos e mais veículos, de todas as cores, de todos os tipos, num festival fremente de vida e progresso. E homens, mulheres, crianças, velhos, jovens, brancos, negros, orientais, europeus, americanos, fervilhavam num caminhar apressado, como quem vai em busca de uma existência feliz, trabalhosa e sonhada. Regurgitavam lojas, casas comerciais, casas de espetáculos, livrarias, estúdios de rádio e televisão, redações de jornais e revistas, escolas, estádios esportivos, trepidavam passos rumo às fábricas, aos supermercados, às praias, aos hotéis e motéis, às repartições públicas, estaduais, municipais, federais... E se fez noite. E a escuridão da noite se iluminou, como se o sol continuasse a sua missão diurna de brilhar. E os entes humanos prosseguiram em sua faina de trabalho, de atividades, de lutas e labutas, sem interrupção entre o dia e a noite. A vida, o caminhar, o trabalhar, o agredir as dificuldades e o viver sonhando com riquezas e belezas, era uma constante, empurrava as multidões apocalípticas para diante, para um porvir fabuloso, na conquista do

amor, da esperança, da expectativa, da felicidade enfim.

E Manequi via. Via e se sentia envolto naquela trepidação de vida extraordinária. Via que além de sua vidinha de roça, havia uma enormidade de existência, que ele ignorava, mas que agora contemplava, pressentia, desfrutava. Como era imenso o mundo! E quantos mundos o mundo abarcava!

O pintassilgo da gaiola abriu o biquinho. E cantou. E acordou Manequi de seu sonho, nada mais do que uma realidade que está presente na glória de São Paulo. O menino sonhara? Talvez, não. A televisão mostrava a ciclópica capital paulista, com todo o seu fausto, com todos os seus problemas, com todas as suas conquistas, com todas as suas vitórias e derrotas, em fantástica reportagem, enquanto Manequi, entre a penumbra do sono e da vigília, se deixara envolver pelo deslumbramento da quase ou maior cidade do mundo.

Sonhara de olhos abertos pois a visão que vislumbrara era, sim, a fabulosa São Paulo, festiva e sensacional comemorando seus 450 aniversários de fundação.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA
AGUIAR CORAZZA**

Cadeira nº 3 - Patrono: Luiz de Queiroz

Cuidar muito da “Mulher” que você é

Esta frase exige muita reflexão, porque antes de sermos filhas, mães, irmãs, esposas, profissionais, amigas, “somos mulheres”.

Refletir sobre o valor que temos já nos dá um suporte de autoridade e personalidade, que não podemos ignorar.

A mulher por si só já traz, como sua “marca registrada”, o poder de gerar e dar à luz toda a raça humana. Óbvio que há o seu parceiro para que esse milagre da concepção da vida se realize, contudo, a sua própria raça, seu sangue, seu leite, seu suor, suas dores e seu amor profundo e ilimitado no cuidado de suas crias que ela defende com unhas e dentes, sem medir obstáculos, já lhe confere estigmas de honra e valor ilimitados.

A mulher é um ser incrível!

Daí, nós, mulheres só precisarmos “descer do nosso pedestal”, para carregar nossos bebês no colo, abraçar os filhos por alegria ou para aquietá-los quando amedrontados, apertá-los ao nosso peito quando aflitos ou infelizes... Descer do nosso pedestal, para ficar às suas alturas, ao sorrir quando se sentem perdidos e lhes dar a nossa vida se preciso for, porque antes de tudo, a “Mãe” se vestiu de “Mulher” para tirar este mundo do feio e do mal, e levá-lo ao alto dos picos da dignidade, da bondade e da beleza!

Tudo bem, tudo certo, tudo mais que perfeito, porém, esta “Mulher” também precisa ser cuidada, tratada, respeitada, honrada e muito amada, senão, como me disse uma amiga, “será melhor ficar só, do que mal acompanhada...”

Mulher sem carinho e sem respeito, “murcha”, “apaga”, ficando apenas, como um “objeto de uso”, um ser inexpressivo e sem graça, cujo atrativo principal que seria a sua “sensualidade”, desbotou tanto, a ponto de destruir o seu “amor-próprio” e a sua natureza

de fêmea, desencorajada de seus dotes supremos de sedução, mas, sobremaneira, de amparo seguro e remanso inigualável!

Mulher digna e que se preza, exige direitos inerentes à sua postura de ser humano ativo e cooperativo, tudo envolto numa singeleza sem competição, apesar de sua extrema convicção do que representa na vida do mundo, ainda revestida de grande e específica afabilidade e feminilidade, é claro, acima de tudo.

Atualmente, a mulher conquistou espaços, que em nada precisa se humilhar, temer ou se rebaixar perante qualquer sistema social ou familiar, e isso não quer dizer ser “machona, mandona, antipática ou intratável”, convencimentos esses que desanimam e fazem desandar qualquer tipo de relacionamento.

“Mulher de verdade, compartilha!”

Existe a justiça dos direitos e dos deveres e as leis a amparar com instituições específicas de ajudas, como a “Delegacia da Mulher” e outros locais de atendimento, a se descobrir conforme as necessidades.

O importante é se tornar “importante” perante você mesma em primeiro lugar, jamais se esquecendo da justiça e do respeito perante o outro. Tudo o que não é decente e bem conduzido, não adianta teimar, porque não vai acabar bem. Vai, isso sim, acabar muito mal!

Você pode e deve ser muito honesta naquilo que defende. Não há desculpas para ser desonesta e injusta na sua relação, principalmente se houver filhos envolvidos. Que desgraça você estará minando na vida deles! Se for por mau gênio, “birra” ou pior, por “criancice”, ou “dengo”, pobre de você, que estará cavando um grande cansaço e um enorme “enjoo” no seu companheiro – e pense bem que isso geralmente não tem volta... Cansou, está “substituída”! E quer que eu diga mais? “Bem feito” pela sua ignorância teimosa ou pela sua intransigência infantil!

A mulher de verdade, que quer seu lugar e seu espaço na sociedade ou no seu ambiente de viver, precisa antes de tudo “se dar o valor”, e, sem esforço – normalmente – partir com o mínimo “stress” possível, em busca de seus objetivos e de sua “realização”.

E, lembrem-se sempre: meiguice, ternura, doçura, positivismos e gentileza, tudo misturado com alegria de viver e bom humor, são “armas femininas” que dificilmente encontrarão “rivais” que lhes façam frente.

Faz-se tarde...

Faz-se tarde
...e não há mais sol, mais cor.
Só céu...
Faz-se tarde,
e não faz frio nem calor.
As ruas pararam,
sem sombras,
sem gente,
vazias...

Faz-se tarde, amor,
tarde do dia bonito que se foi,
da tarde ensolarada de você,
do muito, muito
que eu tive pra falar
e não importa mais dizer.

Faz-se tarde...
tão tarde, meu amor,
que agora,
tudo se tornou
tarde demais.

Saudade em 4 tempos

TEMPO 1

Quando as nuvens da tarde
Apertam o coração
E o verde da paisagem
Leva à mansão da solidão...

É tempo de lembrar
Do crepúsculo
Dos que ainda
Caminham ofegantes

Pela saudade
Torturante
Sem nem ao menos
Poder dizer adeus...

TEMPO 2

E...
Esse aperto doloroso
Querendo dizer
Coisas das quais

Não sei o “porquê”
E... Me recuso
Sequer, tentar
Entender.

TEMPO 3

De onde vem
Essa saudade
Daqueles momentos
Que já nem lembro mais?

Fugi?
Disfarcei?
Destruí, ou...
Desisti?

TEMPO 4

Saudade não é
Só “vontade
De outra vez”
É muito pior

Saudade é
Vontade de ter
E de “reviver”
O que já não é.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARLY THEREZINHA GERMANO PERECIN**Cadeira nº 2 - Patrono: Jaçanã Althair Pereira Guerrini****A Piracicaba que Prudente conheceu (1860-1902)**

Piracicaba (Vila da Constituição), que Prudente José de Moraes Barros escolheu para advogar, construir a carreira política e a vida familiar, no início da década dos anos sessenta, ainda ostentava vestígios coloniais e costumes arcaicos. Nas bicas ajuntavam-se os excluídos da sociedade de ordens: mulatas quituteiras, negras picando fumo, moleques de ganho, escravos aguadeiros, caboclas lavadeiras, homens a jornal.

As áreas públicas mais conhecidas ficavam no Pátio da Forca, transformado em Largo de Santa Cruz; no Pátio de Santo Antônio, centro da cidade; no Largo da Matriz, repleto de animais pastando; no Largo de São Benedito, ponto de concentração de escravos e onde eram montados os circos. A atividade econômica aparecia nas casinhas (o primeiro mercado, junto ao Teatro) e nas vendas de secos e molhados, armarinhos, botequins, situados na rua de Santo Antônio (Comércio, depois Governador), na rua Direita ou do Picadão de Mato Grosso ou do Sem Fim (Moraes Barros). O casario barroco aparecia nas ruas da Quitanda (XV de Novembro), dos Ourives (Rangel Pestana), da Glória (Benjamin Constant), de Santo Antônio, da Boa Vista (Alferes José Caetano) e das Flores (13 de Maio). Quebrando a monotonia da Vila, apenas o vaivém das tropas, dos carros de bois e dos cavaleiros.

Na década dos anos setenta, Piracicaba ampliava os seus espaços socioculturais, adequando-se aos tempos e ao adensamento demográfico. A economia baseava-se no café e na cana, nos engenhos e nos alambiques, nos gêneros alimentícios e na pecuária. As ruas da Praia (ou do Porto) e do Sabão (Cap. Antônio Corrêa Barbosa), permaneciam ligadas às atividades do rio e do sertão, dotadas

de rica comunidade folclórica. O progresso se materializava na tecelagem Santa Francisca, de Luiz Vicente de Souza Queiroz (1874), no Gabinete de Leitura (1876), na Ferrovia Ytuana (1877), no Colégio Piracicabano (1881), na Gazeta de Piracicaba (1882), no Serviço D'Água (1887), na Praça do Mercado (1888), conquanto rondassem as febres, as bexigas e a lepra. Os espaços políticos partilhavam-se pelas grandes famílias do Oeste, os Souza Queiroz, os Moraes Barros, os Arruda Botelho e os Ferraz. Em 1885, a população do município era de 22.150 habitantes. Em 1887, contava na área urbana com 7.000 habitantes e 1.600 casas de morada, havendo 5.000 escravos matriculados na Coletoria.

Nas duas últimas décadas da Monarquia, Piracicaba agitara-se pela competição das elites, monarquistas e republicanos - estes construindo um novo poder no Oeste Paulista - e pela tensão gerada em torno da organização do mercado livre de trabalho, havendo por chegar ao 13 de Maio com significativa reserva de mão-de-obra escrava. A República veio em complemento às transformações estruturais. Foi durante a primeira década republicana que Piracicaba adquiriu grande prestígio no Oeste Paulista, em virtude do seu progresso e da grande presença da Educação ministrada nas escolas públicas e confessionais. O café e a cana continuavam as suas principais riquezas, além da tecelagem Arethusina e dos dois Engenhos Centrais, das oficinas, das fábricas de produtos alimentícios e de bebidas, do comércio, da iluminação por energia elétrica (1893).

Em 1890, a cidade possuía 2.252 edifícios e 14.000 habitantes urbanos, assistindo à virada do século convulsionada pela construção da rede de esgotos de que dependia o saneamento. Em 1900, tinha a oferecer a primeira turma de professores formados pela Escola Normal e no ano seguinte (2º semestre de 1901), a primeira turma de alunos da Escola Agrícola Prática "Luiz de Queiroz". Não obstante, ressentia-se do isolamento no Oeste Paulista, ao qual tinha acesso pela Ferrovia Ytuana.

A planta de 1901 apontava os rumos da urbanização futura. A Leste, seguia os contornos do Itapeva e da ferrovia, detendo-se nos bairros Alto e dos Alemães, junto às chácaras, entre a rua de Santa Cruz e a Fazenda São João da Montanha. A Oeste, chegava ao bairro da Boa Morte, sucedendo-se as chácaras Nazaré e Morato,

as estradas que conduziam a Tietê, bairro do Enxofre e Ferrovia Ytuana, que liga a Itu, Jundiaí e São Paulo. A Sul, parava no Parque dos cemitérios (católico e protestante), no Hospital de Lázarus e no reservatório de água. A Norte e Nordeste, atingia o rio Piracicaba, no bairro do Porto, e o atravessava, junto às terras do Barão de Rezende, em seu loteamento; buscava a estrada do Areão, hoje avenida Rui Barbosa, nascente o bairro de Vila Rezende, de onde partiam três estradas, a de Rio Claro e Limeira, a do Meio e a de São Pedro. Oferecia um perímetro urbano contornável, a pé, compreendendo-se porque os habitantes conheciam-se pelos nomes próprios e apelidos.

Piracicaba adentrou o século XX como cidade paisagística e romântica, dadas as suas belezas naturais, culta e civilizada, em razão da sua escolaridade e saneamento, fazendo jus às observações dos viajantes mais ilustres. Conserva até hoje o pitoresco do seu visual ribeirinho, das praças arborizadas e a hospitalidade das antigas cidades paulistas.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MÔNICA AGUIAR CORAZZA
STEFANI**

Cadeira nº 9 - Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira

No frio das noites

As noites são frias.
E as lembranças esquentam o coração.

Os caminhos sem volta,
Voltam, se a gente quiser,

Pois o tempo parece querer voltar
Para cobrar o que não teve.

E assim ficam sozinhos,
O tempo e os amores sem destino.

Para mim importa, porém, que no frio das noites
E dos amores perdidos

Eu possa mergulhar dentro do mar
Dos teus olhos verdes.

Anoiteceu

Ainda é dia, mas tudo parece anoitecer.
A flecha que entra no coração tem sangue,
e já não se sabe mais se arranhou apenas,
ou partiu ao meio o que já não tinha mais tempo...

Negar duas vezes numa mesma vida
é perder a própria vida sem saber mais para onde ir.
Vem a noite escurecendo o dia das almas perdidas,
e, frios, os mortais não sabem como agir...

Amar a mais tem que ser demais, e dar o perdão
é arriscar na contramão, mas, quem sabe,
talvez lhe diga um dia, que a noite descobriu
o rumo certo, no encontro de nossas mãos...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO

Cadeira nº 24 - Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

Diadorim

Observação: Conto inspirado no romance monumental “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, após uma releitura, talvez mais intimista e passional, em que, num impulso, desejei um outro desfecho para a tremenda saga de Riobaldo e Diadorim. Devo acrescentar, contudo, que uma obra-prima é o que é: impactante, dolorida, viva e sugestiva...

Diadorim, Diadorim: dia claro de ouro... dourado, esplendoroso como promessa. Manhã de Primavera... de flores e de pássaros... leves, muito leves, um sonho para realizar-se... “Remanso de rio largo...” Um segredo, prestes a ser revelado...

O poder de um nome, a força de um personagem que ganha vida nas claras alegrias e nas tristezas sombrias, no destemor e na coragem, na beleza que principia no olhar verde e misterioso como as veredas do sertão... algo precioso que se acalenta e se cuida e não se deseja, e não se aceita perdido... e choramos e gememos, também estrangulados e sufocados, quando assistimos e queremos “mil gritar”, ao vê-lo no que estava para ser: sua entrada no topo da rua, punhal em mão, avançando, correndo, no meio do tiroteio de fúria, contra o diabo, o Hermógenes: o dronho desumano – nos cabelos da barba... O assassino, cruel e covarde, de seu pai Joca Ramiro...

Então a refrega mortal: sanharam, baralharam, terçaram. De supetão... e só... O diabo no meio da rua. O sangue. A faca. O claro, claramente: Diadorim cravar e sangrar o Hermógenes...

...E o soluço estrangula-se na garganta... Não e não! Ele não pode morrer...

– Vai lá, Riobaldo Tatarana, Urutu Branco! atravessa os escu-

ros buracos e caminha ileso, que teu corpo é fechado pelo que vem do céu e não deixa morrer. Toma em teus braços o corpo ferido do menino de fala mansa e subentendida, toma aquele corpo e cura suas feridas com beijos de teu infinito amor. Não se pode matar o que tem alma e tem vida. Não se pode morrer assim, num dia assim, quando tudo está para se realizar...como a flor que ainda não deu fruto...como o fruto verde, não sazonado ainda... “Mire e veja”. Tudo está repago e refeito... Ele é ela, a moça virgem, a donzela destemida e corajosa que tanto te ama... e te acompanhou sempre, desde o dia de um encontro menino e inocente, marcado pela beleza de um alvorecer de paixão!...

Amor que começou como canção antiga, de outros tempos, de outras eras... e não envelheceu... a verdade não envelhece, a verdade é como um poema... Tão brilhante como tua pedra de ametista...

– “Riobaldo, escuta: vamos na estreitez deste passo...” ele disse, e de medo não tremia, que era de amor – hoje sei.

– “Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto...Daí, quando estiver repago e refeito, um segredo, uma coisa, vou contar a você...”

Então o impossível pode ser... Porque viver é mesmo muito perigoso... Tua amada não morreu. A mulher de teus sonhos, do segredo desvendado. É com ela que vais casar e viver, e morar em boa beira do Urucuia... É com ela que vais tecer com fios de ouro um romance mágico de amor! Num cenário misterioso, impenetrável, insólito: o Urucuia, perto da barra, que também tem belas croas de areia, e ilhas que forma com verdes árvores debruçadas. Da cor dos olhos de tua amada, enigmáticos e profundos... da cor da esperança, dos silêncios que tanto dizem... e tanto sugerem... Para lá se vão os pássaros, os pássaros do Rio das Velhas e da saudade... O jaburu, o macuco, a garça branca, a garça rosada que repassa o ar por extenso como vestido de mulher... E o manuelzinho-da-croa – o preferido de tua amada, “que pisa e se desempenha tão catita, o manuelzinho... não é mesmo de todos o passarinho lindo de mais amor?...”

Mais amor... esbanjado nas auroras!.. Nonada... perdido nas travessias... reencontrado nos atalhos do segredo descoberto... Vidas!... Vidas preciosas que não morrem, sobre-humanas, tocadas de amor imortal... batizadas pelo sangue vermelho e quente da paixão...

Mas... tão leves, tão diáfanas, tão belas, como os pássaros, as flores e as borboletas, mensageiros doces da eterna primavera!...

Meu Carrilhão

Aprendi a converter em pensamento uma grande parte de meus sentimentos. Destes, eu jamais excluí minhas experiências da infância. Até aqui, quando revejo minha história que contém uma grande variedade de ingredientes, penso que, ao lado de toda ousadia e dos extremos experimentados, logrei encontrar o equilíbrio. Os sacrifícios, as falhas, os sofrimentos e as grandes perdas, as vitórias relativas, grande parte delas às custas de muito trabalho, tudo o que constitui a trilha de cada um e faz parte de uma construção ao longo dos anos resume-se hoje numa única verdade e num aprendizado muito simples – o do amor.

Envelhecer é um processo natural e a velhice não é pior do que a mocidade. Ao mesmo tempo que abdicamos, também adquirimos e vamos repondo no jogo da vida aquelas peças que faltavam; muitas vezes, à medida que nos desfazemos de muitos conceitos, de muitos ímpetos nocivos e estouvados oriundos do egoísmo, da pretensão, dos juízos críticos implacáveis e das posições radicais, próprios da juventude, os substituímos pela tolerância, o bom senso, a serenidade, o amor. Sempre e de novo o amor, que tudo resume.

Podemos ter 55, 65, 75 anos e, se até aqui ainda não descobrimos a raridade da beleza, se até aqui não aprendemos a assumir a própria idade, interpondo o inconformismo e desejando aparentar exteriormente o que já perdemos, então é o desastre. Não existe nada pior do que essa batalha em que passamos a exigir de nós mesmos o que está além de nosso alcance. E o pior: nessa ânsia, nessa luta, perdemos a própria identidade e o próprio encanto, pois que todas as fases da vida, como as estações, contêm sua beleza própria e irretocável. Então acontece um maravilhoso processo de revitalização: a consciência, a percepção, a vivacidade da alma ao lado do amadurecimento cronológico e psicológico adquirem outros contornos de realização em que vamos deixando pelos caminhos o supérfluo

para nos atermos ao essencial. Envelhecemos quando substituímos os sonhos pelos lamentos. E a aparência de jovialidade exterior tem muito a ver com o que constatamos de muitas pessoas, das quais dizemos que elas não têm idade, têm o tempo. Como o meu carrilhão que voltou... Ele tem muito tempo...

Porque meu, se a família era tão grande e o som, a sua música, era para todos, incessante e incansável? Não sei, mas sempre tive esta sensação de posse, sempre imaginei que ele tocava com exclusividade para mim, acompanhando-me e marcando o meu crescimento, o meu desabrochar para a vida, meus brinquedos, minhas divagações, minha pressa de crescer, minha inquietação, minha (in)disciplina, meus horários, meus compromissos. A hora de levantar e de dormir, de estudar, de ajudar na lida doméstica, de ir para a escola, de almoçar e de jantar no pequeno rigor de nosso pai, que não admitia atraso e ausência... ah! as ausências vieram depois, quando fomos nos despedindo para buscar outros estudos e os diplomas, para mudarmos nossas atividades e adquirirmos a relativa independência material no exercício da profissão, e trocarmos nossa condição civil... O casamento, os filhos, as gerações que se foram sucedendo e aumentando a família, os encontros durante as férias naquele ninho que parecia imutável e eterno quando então a casa retomava o ritmo de alegria, de bem-estar, de comunhão, de quase festa, no alarido e no derramamento das crianças.

E o carrilhão ali estava na parede, no mesmo lugar. Acompanhando a vida e a história de tantos, armazenando, tocando suavemente seus quartos de hora, mais insistente ao marcá-las, como a proclamar o tempo que não espera, acumulando mudo e tranquilo as experiências das gerações que se renovavam...

... Até que um dia ele parou. Depois de meio século, seu zeloso guardião, que sempre o incluiu no ritmo de toda aquela trepidante caminhada, partiu tão suave quanto ele, para ouvi-lo lá no céu, junto de outros mil carrilhões, entoando o hino de acolhida para os santos.

Então, a mudança para um novo dono, tão zeloso quanto o primeiro, de quem herdara os traços e a semelhança da alma...

E o carrilhão retomou sua jornada de fidelidade, assistindo a um novo florescimento, um novo despertar. Os personagens eram outros, a realidade em outra cidade, mais ousada e trepidante, o cur-

so da história mais empenhativo, talvez menos fantasioso e mais prático, porém a sementinha do sonho permanecia viva e teimosa. Na parede da sala, um exemplo e uma lição de continuidade...

... Mas também ali ele parou. O tempo chegou, de maneira inesperada e breve, para seu novo proprietário, com certeza acolhido entre as harmonias das horas que ele amava, tanto quanto seu progenitor...

Era preciso acostumar-se com as ausências definitivas, inexoráveis. Um dia também ele, o carrilhão, devia parar para sempre?

Ainda não! Eu, a última dos irmãos, esperava por ele. No grau do afeto, da saudade e da lembrança, o carrilhão me pertencia e, por justiça, ele voltava.

Agora ele está comigo, bem perto, restaurado e soberano. Derramando sua música sobre meu coração contrito, embalando-me no sonho que me conduz no tempo para alcançar o início de minha jornada e divisá-la, entre lágrimas e soluços, entre alegrias e esperanças, que estas jamais se extinguirão. Com ele, meu carrilhão, último remanescente de uma longa história, eu aproximo as coisas mais distantes. Ele faz com que se irmanem o antigo e o novo. Vence o tempo, fazendo tudo convergir para um centro, onde o amor que a tudo dá sentido deve ser o estribilho da jornada!...

Lágrimas

Lágrimas...lágrimas... são tantas e frequentes
Vindas lá de dentro, recônditas profundas...
Marejando os olhos quais pérolas voláteis
Às vezes escondidas mascarando a dor...
Quem nos inventou tão grande manancial
Capaz de tanto, e insopitável sempre
Que brota lá do fundo e vem do coração
Que expressa o sentimento, a dor, a raiva, o riso
Revelando outras vezes incontido amor?...
Ah! o mundo já verteu soluços tristes
Lágrimas amargas, feridas, sem consolo...
Um mar remanso, borrasca malograda
A lamentar bem dentro imensurável dor!...

Foi Deus o Inventor, foi Ele o Construtor
Que nos deu a lágrima e nos deu o Amor!
Foi Ele quem chorou no túmulo de Lázaro
E lágrimas de sangue verteu na dor maior...
E chorando e sangrando também nos deixou
A esperança e o consolo emanados sempre
Do pranto rolado com resignação!...

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ROSALY APARECIDA CURIA-
COS DE ALMEIDA LEME**

Cadeira nº 7 - Patrono: Helly de Campos Melges

O nome que o povo dá

Veja que interessante,
Nome de rua e de via,
Nome de gente importante,
Perde sua dinastia.

Governador Pedro de Toledo,
Nome próprio perdeu a cor,
Não é pra ninguém segredo
Só Rua Governador.

Alferes José Caetano,
É Rua Alferes somente.
Fica o cargo, não me engano
O nome, guarda na mente?

Nossa Senhora da Boa Morte
Nome belo, grande e forte.
Teve também igual sorte
Ficando só Boa Morte.

E a Regente Feijó,
Nem padre Antonio já é,
Pois ficou Regente só,
Do cargo e não da fé.

E a Marechal Deodoro,
Mesmo sendo da Fonseca,
Já ouvi: – onde moro?
– Na Marechal (fala seca).

O nome, quem dá é o povo,
Talvez porque o use mais.
Admira o velho e o novo,
Pronuncia o que lhe apraz.

Trovas / 2009

Quem carrega com carinho
A bagagem da verdade.
Percorre todo o caminho
Da vida-felicidade.

Para o problema existente,
Não basta o culpado achar.
Bom agir inteligente,
Vive no solucionar.

Só quem percorre o caminho
Pode dizer que o conhece.
Quem insiste em andar sozinho
A própria vida o aborrece.

A hora é já, bem agora,
Esperar mais para quê?
Quem pra decidir demora
Perde a vida e não a vê.

Por mentir o pescador
O tamanho do pescado.
Não é ele tão pecador,
Ele enxerga exagerado.

Pode ser que alguém no amar,
Cometa vulgaridade.
Mas o amor nunca é vulgar,
Se for amor de verdade.

Ler as palavras e as linhas
Leitor comum é capaz.
Ler aspas e entrelinhas,
É preciso muito mais.

E daí? Mudei de ideia.
Por que todo este espantar
É melhor mudar de ideia,
Que não tê-la pra mudar.

Prefiro

Prefiro a eloquência
Do silencio pesado,
Inundando corações palpitantes
À insinuação
Do leviano bailado
De palavras sussurrantes
Ao redor de ouvidos incrédulos.
Prefiro a dureza de um rosto sofrido
E amargo, expondo verdade,
Ao camuflado sorriso
Que aflora das invisíveis cicatrizes,
De perfeitas cirurgias plásticas.
Prefiro um “não”
Redondo, autêntico e cruel,
A um “talvez” de amorfa indecisão.
Mas gosto mesmo é da força
Das palavras verdadeiras e quentes
Que afloram dos corações apaixonados,
De sorrisos sinceros
Que fluem de felicidade verdadeira
Do “sim” ativo e dinâmico
Que emana de todas as células
De um ser vibrante.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALDEMAR ROMANO
Cadeira nº 11 - Patrono: Benedito de Andrade

Ruas de Piracicaba

Piracicaba, como todas as cidades, tem becos, travessas, ruas, alamedas, avenidas e vias públicas, umas mais importantes, outras menos conhecidas, seja pela localização, pelo fato de abrigar algum edifício público ou local turístico, como é o caso, por exemplo, da Rua do Porto. Da mesma forma, largos, pátios, praças, jardins, espaços abertos, desejavelmente arborizados, são usados para recreação, trânsito de pedestres além de estacionamento para veículos.

Nos séculos anteriores, as vias públicas tornavam-se conhecidas pela característica topográfica ou fato histórico nela ocorrido, quase sempre sem reconhecimento oficial, apenas denominações de cunho popular.

Na atualidade, com raríssimas exceções, as cidades brasileiras utilizam as vias e logradouros como instrumento de homenagem a cidadãos que se destacaram na prestação de serviços, nas artes, literatura, ciência ou na política. Homenagens ainda podem ocorrer para lembrar datas e fatos históricos, instituições beneficentes, filantrópicas ou de prestação de serviços diversos à comunidade.

Em meados do século passado, de forma oportuna e louvável, a legislação regulamentou que somente cidadãos já falecidos poderiam ser homenageados. Esporadicamente ocorria o fato de homens públicos trocarem gentilezas através dessas homenagens, além do mais, de forma lamentável, após terem sido homenageados, fatos desagradáveis ou desabonadores poderiam estar relacionados àquelas pessoas.

Imaginar as vias públicas, até fins do século XIX, sem energia elétrica nem rede de água e esgotos, sem pavimentação, placas de identificação e publicidade, é algo quase inimaginável para os que vivem no início do século XXI. Por outro lado, a poluição visual ou do meio ambiente ainda não havia atingido as cidades.

As residências construídas nos estilos de época, sem afas-

tamento, permaneciam com as largas portas e janelas quase que constantemente abertas. As calçadas serviam para, à noite, os cidadãos sentarem-se relaxados, deixando a conversa correr solta, com anedotas, causos, notícias verdadeiras e boatos, mesclados às inevitáveis maledicências sobre a vida alheia.

Rádios, aparelhos de televisão, comunicações eletrônicas foram chegando, supostamente para tornar a nossa vida mais fácil, mas acompanhando a tecnologia, vieram a violência e vandalismo. E mudaram-se os costumes.

Em Piracicaba, verifica-se que são cometidas algumas injustiças. Diz-se Rua Governador, Alferes, Regente, Voluntários. Locutores de rádio, redatores de jornais assim se expressam e a população imita. O correto seria: Pedro de Toledo, José Caetano, Diogo Feijó, Voluntários de Piracicaba.

Ruas Pau Queimado, Boa Vista, do Comércio, Direita, do Conselho, Esperança da Glória, da Misericórdia, Municipal, Nova, da Palma, da Ponte, do Rocio, do Sabão, do Salto e outras, são denominações antigas de algumas das ruas da cidade.

Algumas ruas podem eventualmente homenagear parentes dos que promoveram os respectivos loteamentos. Ruas Padre João, Dom Manoel, Alfredo, Alberto e Arthur, da mesma forma, são indicações indefinidas. Com o passar dos anos, as poucas referências se perdem e os próprios moradores não conseguem fornecer nenhuma informação sobre aquele personagem.

Alguns cidadãos falecidos deixam uma excelente folha de serviço, como exemplares chefes de família ou líderes comunitários, porém, por falta de iniciativa de algum parente ou displicência dos amigos, tais nomes não são sugeridos aos poderes municipais e deixam de ser lembrados nas denominações das vias públicas.

Por outro lado, também acontece que algumas pessoas, muitas vezes nem merecedoras, são eternizadas nas denominações de ruas e praças. É o poder público que faz as denominações e embora se pretenda responsável e adote critério legal, existe um inegável caráter político.

Certas figuras populares somente são conhecidas por apelidos. Em Piracicaba, no século XX, Nhô Lica foi extremamente admirado pela ingenuidade, percorrendo as ruas para recolher pedras, que acreditava serem valiosas, vendendo-as aos gerentes de bancos ou estudantes; entretanto, Felix do Amaral Bonilha, seu nome ver-

dadeiro, é que consta na denominação pública. A rua deveria chamar-se “Nhô Lica, o Sonhador”.

Praças e similares não são utilizadas para a rotina dos endereços comerciais e residenciais, fato que acarreta um relativo desconhecimento de suas denominações. Em Piracicaba, alguns casos: Praça da Bandeira, Dr. Alfredo Cardoso, Rotary Club, Lions Club, Roberto Nobre Ferraz, Michel Cury e muitas outras.

Uma mesma via pública, com o passar dos anos pode mudar de nome, o que não é interessante, devido às consequências negativas que esse fato poderia acarretar, como, por exemplo, confusão no registro de escrituras de propriedades.

Os emplacements das vias públicas também sofreram alterações durante o século XX. Inicialmente, com placas metálicas esmaltadas, afixadas às paredes dos edifícios situados nas esquinas, ainda encontradas na região mais antiga da cidade, passaram posteriormente a outras formas. Multiplicaram-se os métodos de emplacements, os quais, acrescidos de interesses comerciais trouxeram a poluição visual às regiões de grande concentração de pessoas.

Ao findar o século XIX, Piracicaba tinha quarenta e uma Ruas emplacadas, uma dezena de anônimas e diversas projetadas, quinze Largos e alguns Jardins. Tudo isto à margem esquerda do rio que tanto nos orgulha. Não existiam homenagens a personalidades femininas: ainda imperava o machismo da província.

No início do século XX, o Barão de Rezende promoveu loteamento particular à margem direita do rio, traçado entre os espaços da Avenida do Areião e a Chácara São Pedro, onde estava sua residência e surgiram aproximadamente trinta novas vias públicas. De forma oportuna e com todos os méritos, as damas passaram a ser reconhecidas: Maria Elisa, Dona Francisca, Dona Lídia.

Lidia Sofia de Souza Rezende, Dedé (1869/1933), foi a mulher de maior prestígio na sociedade piracicabana da época, destacando-se pela inteligência, caridade, inúmeras iniciativas culturais, dinâmica de participação nas realizações cívicas e públicas. Obras ainda hoje existem, em benefício de toda a comunidade, criadas por esta notável cidadã cuja beleza física só era superada pela espiritual. Celibatária por opção, não deixou herdeiros.

A Academia Piracicabana de Letras tem quarenta cadeiras, preenchidas por cidadãos residentes na cidade, natos ou oriundos de outros municípios, cujas presenças nos engrandecem. Por estes

foram escolhidos quarenta patronos, também ligados à sociedade piracicabana e região.

Os patronos, cujos falecimentos ocorreram entre segunda metade do século XIX e início do XXI, todos com méritos indiscutíveis, são nomes que merecem respeito e reconhecimento. Em levantamento superficial, nota-se que elevada parcela já recebeu alguma denominação em via pública, escola, praça ou monumento. Os que faleceram recentemente e que ainda não tiveram o momento de lembrança do poder público, já receberam uma primeira homenagem ao serem escolhidos como patrono de uma cadeira na Academia Piracicabana de Letras.

- Erasmus Prestes de Souza - Cadeira nº 1 - Patrono: João Chiarini
Evaldo Vicente - Cadeira nº 23 - Patrono: Leo Vaz
Felisbino de Almeida Leme - Cadeira nº 8 - Patrono: Fortunato Losso Neto
Francisco de Assis Ferraz de Mello - Cadeira nº 26 - Patrono: Nelson Campônês do Brasil
Geraldo Victorino de França - Cadeira nº 27 - Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior
Gregorio Marchiori Netto - Cadeira nº 28 - Patrono: Delfim Ferreira da Rocha Neto
Gustavo Jacques Dias Alvim - Cadeira nº 29 - Patrona: Laudelina Cotrim de Castro
Homero Anéfalos - Cadeira nº 30 - Patrono: Jorge Anéfalos
Homero Conceição Moreira de Carvalho - Cadeira nº 31 - Patrono: Victório Ângelo Cobra
Hugo Pedro Carradore - Cadeira nº 32 - Patrono: Thales Castanho de Andrade
Ivana Maria França de Negri - Cadeira nº 33 - Patrono: Fernando Ferraz de Arruda
João Baptista de Souza Negreiros Athayde - Cadeira nº 34 - Patrono: Adriano Nogueira
João Umberto Nassif - Cadeira nº 35 - Patrono: Prudente José de Moraes
Leda Coletti - Cadeira nº 36 - Patrona: Olívia Bianco
Lino Vitti - Cadeira nº 37 - Patrono: Sebastião Ferraz
Maria Emilia Leitão Medeiros Redi - Cadeira nº 38 - Patrono: Elias de Melo Ayres
Maria Helena Vieira Aguiar Corazza - Cadeira nº 3 - Patrono: Luiz de Queiroz
Marly Therezinha Germano Perecin - Cadeira nº 2 - Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini
Mônica Aguiar Corazza Stefani - Cadeira nº 9 - Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira
Myria Machado Botelho - Cadeira nº 24 - Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela
Olívio Alleoni - Cadeira nº 25 - Patrono: Francisco Lagreca
Paulo Celso Bassetti - Cadeira nº 39 - Patrono: José Luiz Guidotti
Pedro Caldari - Cadeira nº 40 - Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezen-de
Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme - Cadeira nº 7 - Patrono: Helly de Campos Melges
Waldemar Romano - Cadeira nº 11 - Patrono: Benedito de Andrade

Em tempo:

Esta revista já se encontrava pronta para impressão, quando recebemos a notícia do falecimento do saudoso Acadêmico Erasmo Prestes de Souza – o que impossibilitou a doação que nos havia gentilmente oferecido.

A revista vem a lume graças à generosidade de algumas pessoas:

Maria Helena V. A. Corazza

Mônica Aguiar Corazza Stefani (Geográfica - Viagens e Turismo)

Gustavo Jacques Dias Alvim e Carlos Alberto de Carvalho Terra (Equilíbrio Editora)

Nelson Corder (Viação Piracicaba - Limeira)

O Editor



EQUILIBRIO
e d i t o r a

Se você deseja publicar um livro e está preocupado com o investimento necessário, procure a Equilíbrio Editora. Ela tem uma solução que cabe no seu bolso: impressão sob demanda. Isto significa dizer que você pode solicitar o número de exemplares que quiser, inclusive baixas tiragens. Quando o seu estoque estiver acabando, basta fazer nova encomenda. A Editora está preparada para executar todas as fases do processo: editoração, edição, criação de capa, impressão e acabamento. A qualidade é excelente, o prazo de entrega curto e o pagamento, facilitado. E mais, a sua obra será divulgada no site da Editora.

Faça contato pelo telefone (19)3372-6000 ou pelo email: atendimento@equilibrioeditora.com.br. Ou então, vá até a loja na Rua Alferes José Caetano, 706, Piracicaba (SP).

Para mais informações, acesse: www.equilibrioeditora.com.br

APOIO:

Printfit[®]
S O L U Ç Õ E S

ISSN 2177-2797



9 772177 279008



EQUILIBRIO
editora